



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



**CLÁUDIA REGINA OLIVEIRA CARVALHO**

**LITERATURA EM HQs: uma possibilidade de leitura dos clássicos da literatura  
brasileira nos anos finais do ensino fundamental**

Montes Claros - MG

Março de 2024

CLÁUDIA REGINA OLIVEIRA CARVALHO

**LITERATURA EM HQs: uma possibilidade de leitura dos clássicos da literatura  
brasileira nos anos finais do ensino fundamental**

Relatório apresentado ao Programa de pós-graduação mestrado profissional em letras da Universidade Estadual de Montes Claros para recebimento do título de mestra.

Área de concentração: linguagens e letramentos.

Linha de atuação: estudos literários.

Orientador: Professor Dr. Luiz Henrique Carvalho Penido

Liberado em 17 de junho de 2024.

Montes Claros - MG

Março de 2024

Carvalho, Cláudia Regina Oliveira.

3311 Literatura em HQs [manuscrito]: uma possibilidade de leitura dos clássicos da literatura brasileira nos anos finais do ensino fundamental / Cláudia Regina Oliveira Carvalho – Montes Claros, 2024.

72 f. : il.

Bibliografia: f. 48-52.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros -Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Profissional em Letras/PPGL, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique Carvalho Penido.

1. Letramento. 2. Literatura brasileira - Adaptações. 3. Histórias em quadrinhos na educação. 4. Literatura (Ensino fundamental). 5. Professores - Ensino - Meios auxiliares. I. Penido, Luiz Henrique Carvalho. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: uma possibilidade de leitura dos clássicos da literatura brasileira nos anos finais do ensino fundamental.

Cláudia Regina Oliveira Carvalho

*LITERATURA EM HQs: uma possibilidade de leitura dos clássicos da literatura brasileira  
nos anos finais do ensino fundamental*

Área de concentração: linguagens e letramentos.

Linha de atuação: estudos literários.

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores doutores:

---

Prof. Luiz Henrique Carvalho Penido – Unimontes/Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Maria da Penha Brandim de Lima – Unimontes/Titular

---

Prof<sup>a</sup> Priscila Brasil Gonçalves Lacerda – IFMG/Titular

---

Prof. Paulo Roberto Barreto Caetano – Unimontes/Suplente

---

Prof. Josué Borges de Araújo Godinho – UEMG/Suplente



*Alexandre Beck*

## RESUMO

Este trabalho, intitulado *Literatura em HQs: uma possibilidade de leitura dos clássicos da literatura brasileira nos anos finais do ensino fundamental*, se propõe a apresentar uma maneira profícua de escolarizar os clássicos da literatura brasileira, de modo atrativo para os alunos dos anos finais do ensino fundamental, aproximando-os destas obras, no trabalho de letramento literário. Levantamos a hipótese de que as adaptações desses clássicos para as histórias em quadrinhos podem ser consideradas uma leitura genuína e, dada a sua natureza multiartística e o seu potencial atrativo para o público adolescente, apresentar e aproximar esse público a textos consagrados, tornando o letramento literário efetivo em seu objetivo de formar leitores. Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotamos a metodologia qualitativa/interpretativista, de cunho bibliográfico e propositiva, visto que, ao fim do estudo, disponibilizamos um caderno pedagógico com uma proposta sobre o uso de clássicos literários brasileiros em HQs para auxiliar outros professores no processo de letramento literário. Nosso trabalho tem como intuito, também, compor o conjunto de pesquisas a respeito do tema, contribuindo para ampliação das discussões acadêmicas acerca dos clássicos da literatura brasileira, as adaptações literárias para HQs e práticas de letramento literário nos anos finais do ensino fundamental. No desenvolvimento deste trabalho, nos baseamos em autores como Compagnon (2010), Cândido (2017), Barbosa (1996), Vergueiro (2014;2020), Eisner (2010), Hutcheon (2013), Cosson (2020A; B), incluindo publicações como a BNCC (2018) e dissertações e teses que dialogam com nosso tema.

**Palavras-chave:** letramento literário; clássicos da literatura brasileira; adaptação; histórias em quadrinhos.

## **ABSTRACT**

This work, entitled Literature in comics: an reading possibility to the classics of Brazilian literature in the final years of elementary school, proposes to research a fruitful way to school the classics of Brazilian literature, in an attractive way for students in the final years of elementary school, bringing them closer to these works, in the work of literary literacy. We hypothesize that the adaptations of these classics to comics can be considered a genuine reading, given its multiartistic nature and its attractive potential for the teenage audience, present and bring this audience closer to established texts, making literary literacy effective in its objective of forming readers. For the development of this research, we adopted a qualitative/interpretative methodology, of a bibliographic and propositional nature, since, at the end of the study, we will provide a pedagogical manual with a proposal on the use of Brazilian literary classics in comics to help other teachers in the process of literary literacy. Our work also intends to compose the set of research on the subject, contributing to the expansion of academic discussions about the classics of Brazilian literature, literary adaptations for comics and literary literacy practices in the final years of elementary school. In the development of this work, we rely on authors such as Compagnon (2010), Cândido (2017), Barbosa (1996), Vergueiro (2014;2020), Eisner (2010), Hutcheon (2013), Cosson (2020A; B), including publications such as BNCC (2018) and dissertations and theses that dialogue with our theme.

**Keywords: literary literacy; classics of Brazilian literature; adaptation; comics.**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>13</b>
<b>1. LITERATURA EM HQs: OS CLÁSSICOS BRASILEIROS NO     LETRAMENTO LITERÁRIO .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Considerações conceituais do termo literatura e de textos clássicos .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 As histórias em quadrinhos, sua relação com a literatura e adaptação ..</b>	<b>17</b>
<b>1.3 Leitura literária, letramento, letramento literário e círculos de leitura</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>28</b>
<b>2. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS, “ALFABETIZAÇÃO” EM HQs     E APRESENTAÇÃO DA OBRA PROPOSTA .....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 Pressupostos metodológicos .....</b>	<b>28</b>
<b>2.2 “Alfabetização” em HQs .....</b>	<b>31</b>
<b>2.3 Apresentação da obra proposta – <i>O quinze em HQ</i> .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE – CADERNO PEDAGÓGICO .....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

No letramento literário, considerando o contexto escolar, o direito à literatura se coloca como fato e como questão<sup>1</sup> proeminente diante de uma realidade meramente externa, consumista, capitalista que promove poucos espaços ou lugares para o contato prazeroso com a literatura, em especial, com os clássicos da literatura brasileira. Segundo João Wanderley Geraldi

[...] num sistema capitalista, de uma atividade importa seu produto. A fruição, o prazer, estão excluídos (para que alguns e somente alguns possam usufruir à larga). A escola, reproduzindo o sistema e preparando para ele, exclui qualquer atividade “não rendosa.” (GERALDI, 2004, p. 97).

Ao refletirmos acerca do prazer (fruição) que deve basilar a leitura literária na escola, como defende, inclusive, a BNCC (2018), entendemos que, em sala de aula, ela deve acontecer de forma efetiva, considerando os limites que envolvem desigualdade social, mediação de leitura, experiências literárias e a competição que a literatura sofre em relação às redes sociais e outros meios e expressões, como música e cinema, fazendo com que o letramento literário seja colocado de maneira prática.

Diante disso, este estudo, que tem como área de concentração *linguagens e letramento*, inserido na linha de atuação *estudos literários*, no âmbito do mestrado profissional em letras – Profletras, da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, se propôs a traçar uma estratégia aplicável de letramento literário, que vise à formação de leitores autônomos em relação aos clássicos da literatura brasileira. Também, nesta pesquisa, buscamos aproximar a ideia de direito à literatura e letramento literário de maneira relacional, sem ortodoxias, para que se possa ressaltar a demanda humana por ficção, o direito ao sonho, o direito à liberdade, o direito afetivo e cognitivo que se tem em contato com a literatura e que, muitas vezes, se perde dentro do contexto escolar.

Quando a escola se torna o principal espaço de mediação entre o saber literário e os alunos, é fundamental a elaboração de estratégias que possam estimular e sensibilizar o contato e a proximidade entre leitor e literatura brasileira clássica, considerando ensino e aprendizagem. Assim, ante as experiências em sala de aula, muitos professores e pesquisadores têm buscado desvendar maneiras de escolarizar de modo fecundo a literatura no intuito de formar leitores

---

<sup>1</sup> A BNCC – Base comum curricular – garante aos estudantes o acesso à literatura e à arte no âmbito escolar.

habituais e críticos, que permaneçam leitores e que escolham suas próximas leituras, através do processo de letramento literário. Essas vivências cotidianas evidenciam casos de distanciamento, desconhecimento e mesmo de rejeição por parte de alguns alunos dos anos finais do ensino fundamental em relação à literatura, sobretudo a literatura brasileira clássica.

Como ressalta Bortoni-Ricardo (2008),

O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem (BORTONI-RICARDO, 2008, P. 32-33).

Considerando esses aspectos, e a partir deles, ressaltamos que o Profletras é um programa de mestrado profissional destinado à especialização de professores de língua portuguesa da rede pública de ensino, objetivando a melhoria das práticas escolares e dos processos de ensino-aprendizagem nas aulas de língua materna. De tal modo, o professor pesquisador deve olhar para as demandas que se levantam em sua prática e desenvolver uma pesquisa que busque o melhoramento de uma situação específica que chame sua atenção.

Nesse contexto, a questão científica que formulamos é: quais ações metodológicas podem apresentar e aproximar esses alunos dos clássicos da literatura brasileira, fazê-los ter conhecimento acerca da existência dessas obras, despertando neles autonomia na leitura e um olhar curioso sobre essa literatura no trabalho de letramento literário? O problema apresentado permite pensarmos a hipótese de que o uso em sala de aula de adaptações para as HQs pode instigar o olhar curioso dos alunos a respeito dos clássicos brasileiros, dada a sua natureza multiartística e o seu potencial atrativo para o público adolescente, apresentando e aproximando esse público de textos consagrados, tornando o processo de letramento literário efetivo em seu objetivo de formar leitores.

Nesta discussão, consideramos os apontamentos de Lielson Zeni (2009), a partir dos quais entendemos que as adaptações de textos literários para os quadrinhos são obras legítimas em outra linguagem artística que, através de um processo de intertextualidade e retextualização, carregam em si uma (re)leitura autêntica do texto literário clássico brasileiro de origem, bem como expandem-no com o diálogo entre o texto verbal e textos visuais.

Para tanto, nossa estratégia terá como embasamento a adaptação do clássico brasileiro *O quinze* de Rachel de Queiroz para as histórias em quadrinhos – HQs – feita pelo artista Shiko (roteiro e arte). Em um primeiro momento, destacamos que a escolha da referida adaptação

priorizou o fato de que essa obra coaduna, em certa medida, com a realidade vivenciada por grande parte dos alunos da Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira, onde a professora pesquisadora atua, uma vez que a mencionada instituição se localiza no distrito de Nova Esperança em Montes Claros – Minas Gerais, região que pode ser compreendida como rurbana<sup>2</sup>. Nesse sentido, abrangemos que a leitura da obra *O quinze* em HQ pode propiciar ao nosso aluno, bem como a outros inseridos em realidade semelhante, estabelecer identificação, pertencimento e, conseqüentemente, uma experiência afetiva de leitura.

Considerando o questionamento proposto nesta pesquisa, nosso objetivo geral será o de traçar ações metodológicas para apresentar aos alunos os clássicos literários brasileiros, estimulando a leitura e o processo de letramento literário efetivo, a partir das adaptações para os quadrinhos, construindo, ao final, um produto que auxilie outros professores na condução de suas práticas. Como objetivos específicos buscamos investigar as relações que se estabelecem entre literatura brasileira clássica, letramento literário e HQs na contemporaneidade; propiciar aos nossos alunos a leitura prazerosa dos clássicos brasileiros a partir das adaptações para HQs, tendo em vista o caráter multiartístico destas, uma vez que são formadas através da interação entre arte literária e arte visual; elucidar os impactos dos círculos de leitura e da leitura afetiva na formação do leitor literário; organizar um caderno pedagógico que auxilie o professor em sua abordagem dos clássicos brasileiros nas salas de aula dos anos finais do ensino fundamental no trabalho com o letramento literário, através do uso de adaptações para HQs.

Diante do exposto, esta pesquisa se justifica por constituir uma reflexão sobre a prática docente de uma professora pesquisadora, objetivando o aprimoramento do trabalho em sala de aula de língua portuguesa e a resolução de uma questão percebida em seu trabalho com os clássicos da literatura. Os estímulos encontrados na atualidade, as várias opções de distração e fabulação dificultam conquistar a atenção de nossos alunos para os textos literários, ainda mais para os clássicos, que pedem um tempo maior de concentração e dedicação à leitura.<sup>3</sup>

Nesse viés, torna-se pertinente às discussões de práticas docentes nos anos finais do ensino fundamental a pesquisa de uma abordagem metodológica diferenciada dos textos clássicos brasileiros, inclusive, das obras e suportes a serem utilizados.

Para Fabio da Silva Paiva (2016), em sua tese de doutorado *Histórias em quadrinhos na educação: memórias resultados e dados*

---

<sup>2</sup> "[...] as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária." (BORTONIRICARDO, 2004, p. 52).

<sup>3</sup> Sugerimos uma investigação a respeito do conceito de economia da atenção cunhado por Herbert Alexander Simon.

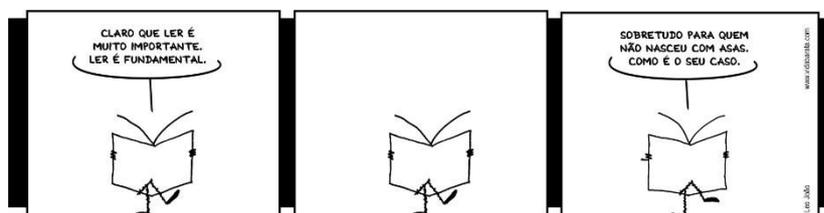
[...] os educadores e educadoras percebem e reconhecem as HQs como forma de educar e presentes na educação; Estudantes preferem ler quadrinhos e aceitam as iniciativas dos educadores e educadoras; Os órgãos governamentais fazem uso das HQs como forma de educar presentes na educação pedagógica e existem programas que se propõem a levar os quadrinhos para as escolas, contudo ainda há muitas lacunas e a prática é prejudicada (PAIVA, 2016, p. 6).

Desse modo, esta pesquisa pretende contribuir para a diminuição das lacunas citadas pelo autor, promovendo uma ampliação dos estudos sobre os quadrinhos na escola, mais especificamente sobre as adaptações de clássicos literários brasileiros para HQs e seu uso nas turmas dos anos finais do ensino fundamental.

Para atender às proposições de nossa pesquisa, este relatório obedece a seguinte estrutura: capítulo 1, o qual expõe considerações conceituais do termo literatura e de textos clássicos, as HQs e sua relação com a literatura, bem como leitura, letramento, letramento literário e círculos de leitura ; capítulo 2, que traz os pressupostos metodológicos desta pesquisa, as especificidades dos quadrinhos e a apresentação da obra escolhida para a proposta; e, no apêndice, um caderno pedagógico como produto didático de nossa pesquisa, que visa auxiliar o docente em sua prática de letramento literário a partir dos clássicos brasileiros em HQ, atendendo aos requisitos do Profletras.

## CAPÍTULO I

### 1 LITERATURA EM HQs: OS CLÁSSICOS BRASILEIROS NO LETRAMENTO LITERÁRIO



*Leo João*

Neste capítulo, trazemos considerações a respeito da conceituação do termo literatura, a partir de conjecturas de autores como Antoine Compagnon (2010), Antônio Cândido (2017), Afrânio Coutinho (2014), entre outros. Para a discussão em torno da definição dos clássicos literários, tomamos como referência os apontamentos de João Alexandre Barbosa (1996), Italo Calvino (2007). Quanto às HQs, sua relação com a literatura e adaptação nossa discussão será embasada nos pressupostos de Paulo Ramos; Waldomiro Vergueiro (2014;2020), Will Eisner (2010), Lielson Zeni (2009), Linda Hutcheon (2013). A respeito de leitura, letramento, letramento literário e círculos de leitura buscamos nos orientar a partir das ponderações de Magda Soares (2009), Rildo Cosson (2020A; 2020B; 2023), Teresa Colomer (2007), também, ainda nesta abordagem, alguns trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e artigos) de pesquisadores que versam sobre o tema, bem como a BNCC (2018), documento oficial norteador do trabalho docente, serão importantes ferramentas para abranger as questões referentes à leitura e letramento literário.

#### 1.1 Considerações conceituais do termo literatura e de textos clássicos

Para conceituar o termo literatura, consideramos as ponderações de Afrânio Coutinho (2014), o qual enfatiza a literatura que, como toda arte, transfigura o real, isto é, recria a realidade por meio do espírito do artista, sendo transmitida através da língua para as formas que são os gêneros, a partir dos quais ela toma corpo e, por conseguinte, uma nova realidade. Segundo Nelly Novaes Coelho (1986),

[...] a Literatura é arte, é um ato criador que, por meio da palavra, cria um universo autônomo, realista ou fantástico onde os seres, coisas, fatos, tempo e espaço, mesmo que se assemelhem aos que podemos reconhecer no mundo concreto que nos cerca, ali transformados em linguagem, assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção (1986, p. 30-31).

O pensamento da autora coaduna com a exposição de Coutinho e nos ajuda a entender que a literatura pode ser abarcada como transfiguração, transformação, da realidade, permitindo pensar sobre aspectos da vida humana e suas complexidades cotidianas, sociais, emocionais, relacionais, entre outras. O “mundo real”, transfigurado ao espaço da ficção, assume uma dimensão diferente, responde a outras demandas constitutivas e libera novos significados.

Antoine Compagnon, em *O demônio da teoria: literatura e senso comum* (2010), traz considerações a respeito do termo literatura, o qual, no seu sentido mais amplo, é tudo o que é impresso ou manuscrito, todos os livros que a biblioteca contém, incluindo aí também o que se chama literatura oral. Para o autor, tal concepção está ligada à noção clássica de “belas-letras” que compreendia tudo o que a retórica e a poética podiam produzir, não só a ficção, mas também a história, a filosofia, a ciência, bem como a eloquência. O pesquisador francês ainda elucida que Aristóteles, em sua *Poética*, estabelece a arte poética como um conjunto de elementos que comporia a *mimêsis*, ou seja, a imitação e encenação do mundo, já que ela seria uma forma de expressão diferente da retórica, dos discursos filosóficos e políticos daquele contexto.

No sentido restrito, Compagnon (2010) assevera que a literatura (fronteira entre o literário e o não literário) sofre variações consideráveis conforme as épocas e as culturas, o que, a nosso ver, contribui para a dificuldade de se delimitar de forma precisa o conceito de literatura. O autor acentua, em suas explanações, que tanto o adjetivo *literário* como o substantivo *literatura* podem apresentar problemas conceituais, não havendo, portanto, um consenso sobre o que é literário e o que não é. Compagnon (2010) esclarece, que, na antiguidade, Aristóteles já observava a inexistência de um termo que designasse ao mesmo tempo os diálogos socráticos, os textos em prosa e verso. Ele discorre que

O nome *literatura* é, certamente, novo (data do início do século XIX; anteriormente, a *literatura*, conforme a etimologia, eram as inscrições, a escritura, a erudição, ou o conhecimento das letras; ainda se diz “é literatura”), mas isso não resolveu o enigma, como prova a existência de numerosos textos intitulados *Qu’Est-ce que l’Art?* [O que É a arte?] (Tostoi, 1898), *“Qu’Est-ce que la Poesie?”* [O que É a Poesia?] (Jakobson, 1933-1934), *“Qu’Est-ce que la Littérature?”* [O que É Literatura?] Charles Du Bos, 1938; Jean – Paul Sartre, 1947). A tal ponto que Barthes renunciou a uma definição, contentando-se com esta brincadeira: “A literatura é aquilo que se ensina, e ponto final”. Foi uma bela tautologia. Mas pode-se dizer outra coisa que não “Literatura é literatura?”, ou seja, “Literatura é o que se chama aqui e agora de literatura?” O filósofo Nelson Goodman (1977) propôs substituir a pergunta “O que é arte?” (What is art?) pela pergunta “Quando é arte?” (When is art?) Não seria necessário fazer o mesmo com a literatura? Afinal de contas, existem muitas línguas nas quais o termo *literatura* é intraduzível, ou não existe uma palavra que lhe seja equivalente (COMPAGNON, 2010, p. 29-30).

Ainda que as incertezas em torno da conceituação do termo literatura remontem à visão aristotélica, ao longo do século XIX, o termo se especificou e passou a considerar as produções nacionais que pertenciam ao cânone clássico, aos escritores consagrados, aos textos eleitos pelos professores para serem lidos nos educandários. Esse sentido restrito, que se baseava em julgamento de valor, excluía todas as expressões que não fossem literatura culta (alta cultura). Com o passar do tempo, ao longo dos séculos XX e XXI, a concepção de literatura ligada à alta cultura, aos grandes autores e ao cânone foi sendo ampliada abrangendo as manifestações estéticas mais populares como os causos, as cantigas de roda, as histórias regionais transmitidas oralmente de geração para geração, os livros para crianças, entre outras, inclusive, mais recentemente, as *fanfics* tão populares nas redes sociais.

Nesse viés, quando trata sobre o direito à literatura, assunto que abordaremos adiante, Candido (2017) faz a seguinte consideração:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de fabulação[...] a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura [...] está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco [...] até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (CANDIDO, 2017, p. 176-177).

Podemos perceber, assim, que a literatura, nesse sentido mais amplo, pode estar presente em todos os campos de nossa vida, uma vez que é composta por subjetividades, percepções, elementos estéticos e interpretações do real em formatos e suportes plurais.

Em todo o panorama trazido por nós, alcançamos que a subjetividade é construída pelo uso estético da linguagem – forma e conteúdo –, que traz em si ditos e não-ditos ficando a cargo de cada leitor preencher e adentrar nas entrelinhas do texto e dos discursos munido de suas vivências e de seu olhar sobre o mundo. Assim, podemos depreender que diante do contato do leitor com o literário se estabelece uma nova significação para determinado assunto e obra. A literatura pode ser capaz de abrir os olhos dos sujeitos leitores, de abranger sua percepção do seu entorno e despertar uma visão autônoma e crítica a respeito de diversificados aspectos dos contextos sociais, mas também pode ser apenas canal de alienação da realidade e possibilidade de distração.

A reflexão a partir dos apontamentos dos autores supracitados nos leva ao entendimento de que tratar da definição do termo literatura se apresenta como sendo uma empreitada intensa

e, por que não, árdua. Autores, como Compagnon (2010), por exemplo, chegam a aludir que talvez não se possa encontrar com clareza uma definição para literatura.

De tal modo, compreendemos que o mencionado termo é carregado de teorização, usos e práticas paradoxais e contrastantes, e qualquer definição que se apresente, por mais completa que seja, poderá não abarcar a sua complexidade e, também, não poderá ser tomada como única e favorável, apresentando, portanto, dissonâncias quanto à sua aceção.

Na discussão em torno dos clássicos literários, trazemos algumas considerações a respeito da conceituação desse tipo de texto, as quais nos possibilitam refletir acerca de seus traços peculiares. Portanto, ressaltamos que a ponderação aqui empreendida não implica na elaboração de um conceito definitivo sobre o que seja um texto clássico, tampouco atribuir-lhe imperativos. Ao contrário, constitui conjecturar acerca de sua natureza, visto que a sua apreensão como fenômeno objetivo é aqui concebida como decorrente de processos sociais inerentes à construção do letramento literário, foco desta pesquisa.

Para definir as obras clássicas, João Alexandre Barbosa (1996) afirma que elas constroem “a biblioteca imaginária” de uma sociedade e que “atravessam as épocas com a marca intensa da novidade, mas, ao mesmo tempo, intensamente marcadas pelas suas épocas de origem [...]” (BARBOSA, 1996, p. 78).

Como já tratamos anteriormente, durante muito tempo houve uma aura em torno das obras que comporiam o cânone literário de uma nação. Segundo o referido teórico, a ideia de cânone foi construída com base na literatura ocidental e definia as grandes obras que mereciam serem lidas e estudadas, acompanhando a ideia de que existiria uma alta cultura a ser privilegiada em detrimento de outras expressões artísticas populares. Aqui é crucial explicitar que há também uma leitura estético-política que aponta na seleção dos clássicos um viés de classe, raça e gênero que busca esboçar um imaginário privilegiado do valor, em detrimento de outras obras menores ou desimportantes (a literatura oral dos povos tradicionais, mas também os quadrinhos chamados “paratextos”), como exemplo do viés de gênero temos obras de autoras femininas – como Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida – do romantismo e realismo brasileiro que têm sido resgatadas ganhando mais destaque nos últimos tempos.

Italo Calvino (2007) também assegura que os clássicos sendo obras antigas ou modernas, perduram no tempo, nas épocas, sem nunca esgotar tudo que tem a dizer a seus leitores e, pelo seu efeito de ressonância, faz com que já os conheçamos, mesmo sem lê-los efetivamente, por já estarem no nosso imaginário seja por ouvirmos dizer ou como intertextos em outras obras artísticas. Para ele,

Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos [...] Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele reconhece logo o seu lugar na genealogia (Calvino, 2007, p. 12-14).

Corroborando os apontamentos do autor, é importante salientar a frequência com que encontramos a reverberação de obras clássicas nas mais variadas produções culturais contemporâneas: releituras em outros textos literários, cinema, música, espetáculos teatrais e de dança, novelas, séries, vídeos em redes sociais como *YouTube* e *TikTok*, memes, pinturas, *podcasts*, grafites, desfiles de escolas de samba, entre outras, com destaque para as histórias em quadrinhos que, como adaptações de clássicos literários, são tomadas, neste estudo, como ferramenta para o letramento literário de alunos dos anos finais do ensino fundamental.

## **1.2. As histórias em quadrinhos, sua relação com a literatura e adaptação**

Neste estudo, a definição das HQs, é embasada nos autores Will Eisner (2010) e Waldomiro Vergueiro (2020). O primeiro autor, em sua obra, *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*, traz o termo “arte sequencial”, cunhado por ele para nomear “uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (EISNER, 2010, IX).

Para o cartunista a arte sequencial é uma antiga manifestação artística ou modo de transmitir ideias que foi se transformando até resultar nas tiras de jornais ou revistas, álbuns e livros de histórias em quadrinhos. Coadunando com as considerações de Eisner, Raquel Coelho (2007), discorre sobre os primórdios de tal arte, visto que o homem sempre se expressou por meio de figuras e imagens, a exemplo das pinturas rupestres, os hieróglifos egípcios, registros dos povos pré-colombianos, até manifestações na Idade Média e no Renascimento.

Por sua vez, Vergueiro (2020A), ao definir as histórias em quadrinhos, pondera que se tratam de narrativas construídas a partir do diálogo de dois códigos: o visual e o verbal. Ambos, segundo conclui o autor, se complementam para a transmissão eficaz da mensagem. Podemos, assim, depreender que as HQs se constituem como uma estética singular, uma forma de expressão artística específica que se relaciona com outras linguagens como as artes visuais e a literatura.

A respeito da historicidade das HQs, é apresentada por Vergueiro (2020B), no seu texto *O uso das HQs no ensino* expondo que a evolução da indústria tipográfica e jornalística propiciou o aparecimento dos quadrinhos como comunicação de massa. Vergueiro (2020B) ainda comenta que:

Ainda que histórias ou narrativas gráficas contendo os principais elementos da linguagem dos quadrinhos possam ser encontradas, paralelamente, em várias regiões do mundo, é possível afirmar que o ambiente mais propício para seu florescimento localizou-se nos Estados Unidos do final do século XX, quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se devidamente consolidados para que as histórias em quadrinhos se transformassem em um produto de consumo massivo, como de fato ocorreu (VERGUEIRO, 2020B, p. 10).

O autor ainda discorre que os quadrinhos, majoritariamente cômicos, satíricos e caricaturais, apareceram inicialmente nas páginas jornalísticas de domingo. Posteriormente, passaram a compor as publicações diárias, as “tiras”, trazendo diversificação temática com histórias focadas em núcleos familiares, animais personificados e figuras femininas, sem, contudo, perder seus traços idiossincráticos e comicidade.

No final da década de 1920, surge a tendência de representações mais realistas nos quadrinhos, o que ampliou a sua notoriedade. O consumo das HQs tornou-se ainda mais popular, principalmente entre os leitores mais jovens, a partir do despontamento dos super-heróis, especialmente quando surgem a *Marvel* e a *DC Comics* na década de 1930.

Com a Segunda Guerra Mundial, o surgimento de histórias de super-heróis engajados em conflitos armados propiciou ainda mais a popularidade dos quadrinhos e um aumento considerável das vendas. Ao final da guerra, novos gêneros aparecem com histórias de terror ou suspense de temáticas duvidosas e bastante realistas, atraindo o público infanto-juvenil e influenciando-o, fato que despertou grande preocupação na sociedade norte-americana. De acordo com Vergueiro (2020B),

De fato, de uma maneira geral, as revistas de histórias em quadrinhos posteriores ao Comics Code caminharam decididamente para a mediocridade, passando a veicular, em sua grande maioria, histórias pírias e sem grandes pretensões criativas, que realmente pouco contribuía para o aprimoramento intelectual de seus leitores. Por outro lado, isto fez com que qualquer discussão sobre o valor estético e pedagógico das HQs fosse descartada nos meios intelectuais, e raras tentativas acadêmicas de dar algum estatuto de arte aos quadrinhos logo seriam encaradas como absurdas e disparatadas (VERGUEIRO, 2020B, p. 13).

A estigmatização das HQs ocorreu em diversos lugares do mundo, inclusive no Brasil, com críticas ferrenhas e até estabelecimento de legislações proibitivas. Mesmo com grande popularidade entre seus leitores, principalmente jovens e adolescentes, e das altas tiragens, os quadrinhos foram relegados ao desprestígio pela sociedade intelectual. Assim, a aversão pedagógica ao gênero perdurou por muito tempo e se deve também à falta de interesse acadêmico em pesquisar acerca do tema.

Contudo, Vergueiro (2020B), ressalta que, no final do século XX, o desenvolvimento das ciências da comunicação e dos estudos culturais, cooperou para uma nova visão das HQs,

recebendo maior consideração das elites intelectuais, destacando-se como uma expressão artística com características próprias e ganhando maior espaço pedagógico, inicialmente na Europa e, depois, em outras regiões do mundo. De algum modo, foi possível compreender que a rejeição a essas produções partia de um desconhecimento e, dessa maneira, não tinham fundamento.

O autor ainda destaca que o uso educacional dos quadrinhos, apesar de toda resistência encontrada, remonta à primeira metade do século XX, quando revistas voltadas para a educação foram publicadas, trazendo narrativas sobre personagens históricos e instrução de cunho religioso e moral. Havia também a tentativa de aproximar grandes obras literárias das HQs, através de adaptações de grandes clássicos.

Ramos e Vergueiro (2009), esclarecem que, no Brasil, apenas na última virada de século é que os quadrinhos passam, realmente, a serem vistos como entretenimento, experiência estética e transmissão de saber para todos os públicos e faixas etárias.

Sobre seu uso pedagógico, os pesquisadores afirmam que a

[...] visão – equivocada – predominou no país na segunda metade do século passado, por mais que tivessem existido experiências com uso de histórias em quadrinhos em livros didáticos a partir da década de 1980. O início de uma mudança mais contundente veio com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 20 dezembro de 1996. O texto já apontava para a necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinamentos fundamental e médio: item II do art. 3º da lei diz que a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber "é uma das bases do ensino"; item II do § 1º do art. 36 registra, de forma mais explícita, que, entre as diretrizes para o currículo do ensino médio, está o conhecimento de "formas contemporâneas de linguagem". Isso, sem dúvida, abria as portas do ensino para as histórias em quadrinhos, como também para outras linguagens e manifestações artísticas. No entanto, pode-se afirmar que os quadrinhos só foram oficializados como prática a ser incluída na realidade de sala de aula no ano seguinte ao da promulgação da LDB, com a elaboração dos PCN, criados na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (RAMOS; VERGUEIRO, 2009, p. 80).

Somente em 2006, no governo Lula, é que obras em quadrinhos são inseridas na lista do PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola – responsável pela distribuição de obras nas escolas de ensino básico, anteriormente, apenas livros literários eram distribuídos pelo programa. O mercado editorial viu, com o PNBE, um nicho de mercado lucrativo, e passou a investir em HQs, principalmente naquelas que poderiam ser adotadas pelas escolas, aumentando, de maneira expressiva, a edição de adaptações literárias em quadrinhos. Ressaltamos que essa inserção do governo trouxe uma mudança significativa, possibilitando não só o interstício dos quadrinhos, mas também de outras linguagens e manifestações artísticas.

A popularidade dos quadrinhos, na sociedade, pode ser percebida ainda hoje. Encontramos cada vez mais publicações, nacionais e traduzidas de outros países, com narrativas originais publicadas nos mais diversos suportes: revistas, gibis, álbuns, redes sociais, plataformas e arquivos digitais, etc.

Na abordagem sobre a relação das HQs e a literatura, é importante destacarmos que, desde o seu florescimento, as histórias em quadrinhos foram consideradas um gênero literário, uma literatura de menor valor e não uma manifestação autônoma. O próprio Candido (1989), em *Literatura e subdesenvolvimento*, ao discorrer sobre culturas de massa, traz as HQs como subliteratura ou paraliteratura.

O ambiente pertinente aos quadrinhos (artistas e estudiosos), há muito, tenta legitimá-los, não como gênero literário, mas uma arte independente, dotada de recursos sofisticados, com linguagem e construção próprias. Todavia, ainda há discussões entre pesquisadores se o texto quadrinhístico é, ou não, literatura.

Para Vergueiro e Ramos (2009), já existe hoje um número suficiente de pesquisas que possibilitam essa legitimação. Esses teóricos asseguram que a insistência em não reconhecer as HQs como arte autônoma ressalta dois aspectos: a intenção de que elas estejam em um espaço de prestígio – a literatura –, inclusive para justificar sua presença nas escolas, e, também, evidencia desinformação sobre o assunto.

Sobre a autonomia dos quadrinhos, Moacy Cirne (2000), em *Quadrinhos, sedução e paixão*, versa que “Um texto quadrinhístico afinal, só pode ser um texto quadrinhístico, com sua grafia própria, com seu ritmo próprio, com sua especificidade própria.” (CIRNE, 2000, p. 176).

A partir da compreensão das HQs como uma estética artística, cabe-nos abrir a discussão sobre a relação dessa arte gráfica com a literatura. Citamos, no início desse tópico, a afirmação de Eisner (2010) de que os quadrinhos são construídos pela arte visual e literatura. Também Antônio Luiz Cagnin (2014), em *Os quadrinhos linguagem e semiótica: um estudo abrangente da arte sequencial*, assente que:

As histórias em quadrinhos são, essencialmente, um meio visual composto por imagens. Apesar das palavras serem um componente vital, a maior dependência para descrição e narração está em imagens entendidas universalmente, moldadas com a intenção de imitar ou exagerar a realidade. [...] Apesar da grande visibilidade e atenção compelida pelo trabalho artístico, insisto em afirmar que a história é o componente crítico de uma revista em quadrinhos [...]. No entanto, as histórias em quadrinhos são, ao mesmo tempo, uma forma de arte e de literatura e, em seu processo de amadurecimento, buscam reconhecimento como um meio “legítimo” (CAGNIN 2014, p. 5-6).

É dessa maneira, nesta pesquisa, que consideramos as histórias em quadrinhos, uma arte autônoma e legítima, composta de forma singular e específica, utilizando-se do diálogo entre a arte visual e a arte literária. Compreendemos, inclusive, que todas as expressões artísticas, de modo geral, se aproximam de algum modo, visto que são manifestações humanas por meio das mais diversificadas linguagens.

Em continuidade acerca da relação das HQs com a literatura, outra forma recorrente de aproximação entre elas ocorre por meio das adaptações de obras literárias, especialmente as clássicas, movimento que não é comum em sentido contrário, ou seja, os quadrinhos serem usados como referência para a criação literária.

Para Linda Houtcheon (2013), a adaptação é uma nova obra, a transposição de uma mídia, um gênero ou um suporte para outro, uma transcodificação. Ela postula que

[...] a adaptação é (e sempre foi) central para a imaginação humana em outras culturas. Nós não apenas contamos, como também recontamos nossas histórias. E recontar quase sempre significa adaptar - “ajustar” as histórias para que agradem ao seu novo público. (HOUTCHEON, 2013, p. 10).

A autora destaca a forma depreciativa com a qual são julgadas as adaptações, quase sempre vistas como secundárias e de menor valor cultural.

Para Alberto Ricardo Pessoa (2016),

O discurso verbal acrescenta informações ao discurso visual e vice-versa, e juntos constroem uma sequência narrativa capaz de prover, ao receptor, subsídios necessários para compreensão da história que se plasma nos quadrinhos (PESSOA, 2016, p. 12).

Também nós apreendemos, que a adaptação dos textos literários clássicos para as HQs não diminui as obras de origem, mas podem até ampliá-las e ressignificá-las através da integração do texto artístico visual, mostrando o resultado da leitura feita pelo quadrinista que se apropria da obra original e cria uma nova. Nessa mesma direção, Robert Stam (2006) alerta a respeito da legitimidade das adaptações de romances e a necessidade de não haver uma hierarquização em que consideremos o texto literário *maior* que as suas transformações em outras linguagens.

Na visão de Lielson Zeni (2009), a adaptação representa de alguma forma outra obra ainda que seja através de um suporte diferente, tendo mais ou menos personagens, sendo em outra língua, em outro espaço ou tempo, portanto, conforme entende o autor, o quadrinho se aproxime da obra de origem ele é autônomo e resultará sempre em uma nova obra.

Da mesma forma, Patrícia Kátia da Costa Pina (2014) certifica que as traduções do texto literário para obras quadrinísticas sempre estabelecem com elas uma intertextualização que lhes assegura visibilidade, não se subordinando ao literário, pois interagem com ele, surgindo dessa interação um novo texto com uma linguagem peculiar. Para a autora,

Os quadrinhos partilham com a literatura algumas peculiaridades: são ficcionais, logo, trabalham com personagens, ambiente/espço, tempo, narrador, foco narrativo, etc. Mas esses elementos partilhados são “traduzidos” para o hibridismo da linguagem quadrinística: são construídos visualmente, com algum apoio do verbal (PINA, 2014, p. 217).

Essa proposição de Pina (2014) legitima que as adaptações da literatura para as HQs aproximam as possibilidades de compreensão das crianças e dos jovens estudantes de hoje, visto que os textos adaptados resultam do processo dialógico e se apresentam como construções artísticas e inovadoras.

### **1.3. Leitura literária, letramento, letramento literário e círculos de leitura**

O estudo do texto literário permeia discussões entre professores no ensino básico e, também, na academia. A sociedade, apesar de saber sobre a importância da literatura na educação do homem (senso comum), não consegue mensurar ou delimitar, de fato, as funcionalidades dessa arte no cotidiano humano. Candido (2017) define a literatura como um direito fundamental, asseverando que ela seria imprescindível para a vida e tem a função humanizadora ao nos levar à consciência do que nos torna humanos. Ele faz a seguinte reflexão:

Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2017, p. 182).

Humanizar, aqui, seria, portanto, imprimir no homem a consciência da sua condição de ser humano e a consciência dos elementos que o configuram como tal, abrindo a possibilidade de que, assim, ele, de maneira consciente e crítica, reflita acerca de sua existência, da existência do próximo, olhando de maneira mais clara para si, para o outro e para o mundo.

Em certa medida, podemos aproximar as postulações de Candido (2017) às de Antoine Compagnon (2009) pois compreendemos que, ao tentar responder à pergunta *Literatura para*

*quê?*, Compagnon perpassa pelo poder dado ou não à literatura na história, concluindo que “O exercício jamais fechado da leitura continua o lugar por excelência do aprendizado de si ou do outro [...]” (COMPAGNON, 2009, p. 56-57), assim sendo, é levar o leitor aos sentimentos, ações, inquietações que o humanizam.

Também nesse sentido, Vicente Jouve (2002) articula sobre a leitura como uma prática multifacetada que perpassa processos como o neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico. O autor ainda sustenta que a leitura literária, para além da fruição do imaginário e do prazer do jogo, conduz o leitor a um entendimento maior de suas emoções e a um exercício de alteridade que proporciona a ele a oportunidade de se colocar no lugar do outro.

Teresa Colomer (2007), baseada em Bronckart, versa que sob o viés formativo da literatura

[...] o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a *formação da pessoa*, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem (COLOMER, 2007, p. 31).

Dessa forma, Rildo Cosson (2020A) ressalta que a leitura literária deve estar presente na escola por dois grandes motivos, ambos interligados: o primeiro é que o educando se desenvolve como indivíduo por meio dela, isto é, a leitura literária proporciona ao leitor experiências e saberes que ampliam e aprofundam sua compreensão do viver, ajudando-o no entendimento do seu mundo e de si mesmo. O segundo motivo é que a leitura literária é instrumento eficiente para criar gosto e hábito pela leitura

Ainda, segundo Cosson (2020A), na formação do leitor literário, a literatura tem valor formativo, razão de seu papel de destaque na escola e na sociedade em geral. Contudo, é difícil definir a formação oferecida pela literatura, ante as suas múltiplas possibilidades. Por isso é comum dizer que a leitura literária é fundamental para o aprendizado da escrita, favorece o desenvolvimento vocabular, o melhoramento ortográfico, a fluência da leitura, bem como a aquisição da língua formal.

No trabalho com a leitura, muitas vezes a escola exclui o prazer e a experiência sensorial com a estética. As atividades de leitura são fundamentadas em objetivos didático-pedagógicos, o texto é utilizado, recorrentemente, como pretexto para instrução moral e linguística, como apresentado no parágrafo anterior, por preocupação com o cumprimento dos conteúdos curriculares. Dessa maneira, o que deveria estar em primeiro lugar na prática de leitura – a

fruição estética, o despertar do prazer, do deleite, e do gozo do aluno em contato com a literatura – é colocado em segundo plano.

A preocupação com a leitura literária em sala de aula e a melhor forma de conduzi-la na formação de leitores, ganha espaço nos documentos oficiais do Estado sobre educação. BNCC (2018) orienta que,

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (BRASIL, 2018, p. 143-144).

Assim sendo, a leitura pode ser tomada como instrumento que possibilita o conhecimento (aqui compreendendo como o entendimento de si, do outro e do mundo; a fruição; o jogo do texto; a consciência de sua existência; o contato com o mundo ficcional; conhecimento de mundo; criticidade; pertencimento social, etc.); a literatura, por sua vez, propicia o acesso ao mundo da leitura e a tudo que ela oferece. É isso que faz com que a leitura da literatura seja prazerosa, que auxilie o sujeito no seu desenvolvimento e consolide nele a competência de leitor literário.

A discussão sobre letramento implica, em certa medida, percorrer, nesta pesquisa, as revisões dos autores consultados com o objetivo de trazer alguns esclarecimentos sobre letramento, termo recém introduzido no campo da Educação, das Ciências Sociais, da História e das Ciências Linguísticas.

Magda Soares (2009) toma como referência os apontamentos de Mary Kato para nos informar que o termo letramento, aparece pela primeira vez no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, de 1986, da autora citada, a qual se reporta à palavra como consequência da chamada norma-padrão, ou língua falada culta. Continuando suas explanações, Soares adverte que Mary Kato, apesar de usar várias vezes o termo, não apresenta uma definição para ele.

Na empreitada de nos aproximar de uma definição plausível, Soares expõe que *letramento* vai despontar no mundo da educação em 1988, quando Leda Verdiani Tfouni, em seu livro, *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, de um estudo sobre o modo de falar e de pensar de adultos analfabetos; se dedica a definir o termo, bem como distingui-lo de

alfabetização. A partir daí, Magda Soares diz que letramento passa a figurar com mais frequência nas publicações, vindo até mesmo a dar título aos livros, como *Os significados do letramento*, coletânea de textos organizada por Ângela Kleiman, de 1995.

A questão levantada por Magda Soares: “vivemos séculos sem precisar da palavra letramento; a partir dos anos 80, começamos a precisar dessa palavra, inventamos essa palavra - por quê, para quê?” (p. 34), suscita a reflexão de que as palavras novas surgem para nomear novos fenômenos. Assim, o advento de novas ideias, fatos ou novos objetos impõem que se tenha um nome para aquilo, visto que enquanto não são nomeados é como se não existissem. Nesse sentido, Soares (2009) esclarece que,

[...] o termo letramento surgiu porque apareceu um fato novo para o qual precisávamos de um nome, um fenômeno que não existia antes, ou, se existia, não nos dávamos conta dele e, como não nos dávamos conta dele, não tínhamos um nome para ele (SOARES, 2009, p. 34).

Ao elucidar o questionamento acima, a autora traça um breve percurso, buscando entender de onde surgiu a palavra letramento. A esse respeito, esclarece que letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa *literacy*, e reportando a essa tradução corrobora que "a condição de ser letrado" – dá à palavra sentido diferente ao apresentado em português. No inglês, *literate* caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita, sendo que *literacy* indica o estado ou condição daquele que não somente lê e escreve, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita. Isto é, a pessoa que aprendeu a ler e a escrever é alfabetizada e, aquela que faz uso da leitura e da escrita e se envolve nas práticas sociais de leitura e de escrita, é letrada. Assim, conclui-se que aprender a ler e a escrever e, além disso, fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levam-no a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros.

A partir dessas considerações, Soares (2009) acredita chegar finalmente ao conceito de letramento, asseverando que é o resultado da ação de "letrar-se", se dermos ao verbo "Letrar-se" o sentido de "tornar-se letrado". Para explicar a origem de letramento, a autora se reporta à diferença entre letramento e alfabetização, sendo a alfabetização a ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, e letramento, por sua vez, diz respeito ao estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita, como anteriormente aludido. Tal diferenciação suscita o surgimento do verbo "letrar" para indicar a ação de levar os indivíduos ao letramento. Assim, pondera a autora,

[...] teríamos *alfabetizar* e *letrar* como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 2009, p. 47).

Aprofundando em suas reflexões, a teórica comenta a dificuldade de diferenciar alfabetizado e letrado, tendo em vista que o letramento envolve leitura e escrita, dois elementos bastante distintos e com implicações próprias, o que a leva ao entendimento da existência de díspares tipos e níveis de letramento, relacionados às necessidades e demandas do sujeito, do meio em que vive, bem como do contexto social e cultural no qual está inserido.

Graça Paulino e Rildo Cosson (2009) versam que *letramento* não possui uma definição única e derradeira, pelo contrário, o seu sentido está em constante transformação e alargamento de acordo com o tempo e contexto. Os autores asseveram que o letramento é plural, tanto pelos tipos de letramento que pode haver, quanto pelas inúmeras práticas sociais ligadas a eles.

Num desdobramento do termo *letramento*, temos o conceito de *letramento literário* trazida pelos autores:

É por essa razão que, considerando a própria ampliação do termo letramentos para multiletramentos e a necessidade de tornar o conceito mais claro, propomos definir *letramento literário* como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67).

Cosson (2020B) assegura que o letramento não tem seu início e nem seu fim na escola, mas para um estudo de práticas educacionais o letramento literário pode ser tomado como uma escolarização da literatura que alargue os estudos dessa arte, formando uma comunidade leitora que atue dentro e fora da escola. Em outra obra, Cosson (2020A), nos alerta de que o principal motivo do ensino literário na escola deve ser a formação de leitores competentes em ler literatura, as minúcias do texto literário, e que isso deve acontecer através do despertar do gosto pela leitura que, naturalmente, deve passar pelo prazer de ler, pela fruição do texto.

Dessa maneira, o letramento literário se constitui um processo, não um produto. Um processo que deve estar baseado tanto nos pilares das competências e habilidades leitoras quanto no prazer próprio da leitura literária.

Conforme Cosson (2023) uma das estratégias profícuas para a leitura do texto literário e para o letramento literário seriam os círculos de leitura. De acordo com o autor um círculo de leitura é a reunião de pessoas que formam uma comunidade de leitores, em qualquer espaço social, com a finalidade de lerem e debaterem um texto que pode ser verbal ou não. São exemplos desses círculos os clubes de leitura presenciais ou mesmo os que acontecem, hoje, nas redes sociais.

Na dinâmica de um círculo de leitura, as percepções e associações individuais sobre uma determinada obra são expandidas através da pluralidade de interpretações de cada indivíduo e, concomitantemente, constroem uma interpretação coletiva do texto.

Para Cosson (2023)

[...] durante a discussão, toda contribuição é bem-vinda e não há interesse em formar especialistas, antes reunir em um debate as diversas maneiras como aquele texto pode ser lido, sem que uma interpretação seja considerada melhor do que a outra ou se deva chegar a algum consenso, o que não impede que sejam examinadas, revistas e ampliadas à luz da contribuição de todos (COSSON, 2023, p. 135).

No âmbito escolar o exercício com os círculos tem ambiente propício, devido ao seu caráter formativo que pode ser usado como facilitador do ensino de leitura literária na escola. Ainda segundo Cosson (2023),

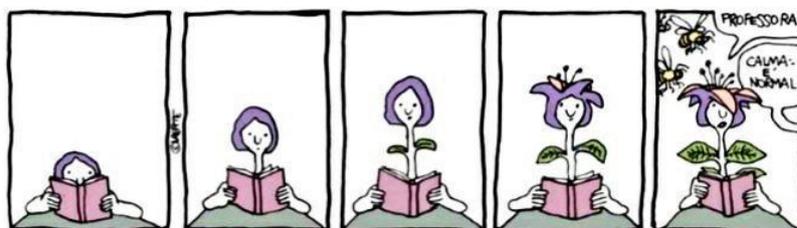
os círculos de leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada [...] (COSSON, 2023, p. 139).

Como já afirmado anteriormente nesta pesquisa, a escola ainda se apresenta como espaço principal de contato da população com muitas obras literárias e de desenvolvimento do processo de letramento literário, sendo assim e ainda considerando o aspecto formativo tratado no parágrafo anterior, a organização de círculos de leitura em sala são um método que possibilita uma experiência importante e variada para os estudantes em contato com o texto.

Os apontamentos até aqui expostos, nos levam à necessidade de uma abordagem metodológica, enfoque do próximo capítulo, que nos auxilie a apresentar a adaptação de obras literárias em quadrinhos como um motivador para a leitura literária nos anos finais do ensino fundamental e possibilidade de leitura dos clássicos.

## CAPÍTULO II

### 2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS, “ALFABETIZAÇÃO” EM HQs E APRESENTAÇÃO DA OBRA PROPOSTA



*Laerte*

#### 2.1. Pressupostos metodológicos

Neste capítulo apresentamos o caminho metodológico para investigar o tema de nossa pesquisa: clássicos da literatura brasileira adaptados para histórias em quadrinhos nos eventos de letramento literário em sala de aula. Pois, conforme nos esclarece Moita Lopes (1994), a adoção de uma metodologia é fundamental para a pesquisa acadêmica visto que ela se relaciona à visão do pesquisador sobre a realidade a ser estudada. Pensando nisso, adotamos como paradigma o método qualitativo/interpretativista por considerarmos que essa postura busca os vários significados que formam a realidade e que somete ela é passível de interpretação.

Também, valemo-nos das ponderações de Bortoni-Ricardo (2008) por entendermos que a sala de aula é um ambiente propício e fértil para esse tipo de método. A autora compreende que,

A pesquisa interpretativista não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações estatísticas, mas sim em estudar com muitos detalhes uma situação específica para compará-la a outras situações. Dessa forma, é tarefa da pesquisa qualitativa em sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 42).

Quando falamos sobre a visão do pesquisador ante o seu objeto de pesquisa, é preciso ressaltar que na metodologia interpretativista o fenômeno estudado ganha conotações particulares para aquele determinado pesquisador. O que significa dizer que, caso outro pesquisador analise o mesmo fenômeno, ele seria visualizado de maneira diversa, tendo em vista as diferentes visões que os dois possuem do mundo. A abordagem interpretativista busca a compreensão de um determinado fenômeno social a partir da perspectiva dos envolvidos.

Esta pesquisa também é de cunho bibliográfico, tendo em vista que utilizamos publicações de teóricos especialistas e trabalhos desenvolvidos por outros professores, que abordam temáticas semelhantes à nossa. Sobre a pesquisa bibliográfica, Antônio Carlos Gil (2002), nos ajuda a entender que ela deve ter embasamento em material já elaborado constituído de livros e artigos científicos. O autor alerta que quase todos os estudos exigem algum tipo de trabalho dessa natureza, contudo, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Desse modo, a opção pela pesquisa interpretativista, que se configura, também, como propositiva<sup>4</sup>, visa, a partir de uma abordagem bibliográfica, propor um produto pedagógico, com uma metodologia eficaz que possibilite modificar um processo de ensino-aprendizagem, que, em nosso caso, se refere ao trabalho com clássicos da literatura brasileira adaptados para histórias em quadrinhos no trabalho de letramento literário nos anos finais do ensino fundamental.

Em relação ao delineamento desta pesquisa, trazemos aspectos pontuais sobre as decisões tomadas e sobre a motivação da pesquisadora para este estudo.

Aqui, ressaltamos que, inicialmente, o nosso trabalho foi pensado a partir de uma intervenção direta junto aos alunos dos anos finais do ensino fundamental (oitavos ou nonos anos) da Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira, todavia, no percurso de nossa pesquisa, vivenciamos um contexto pandêmico de proporção mundial que desencadeou drásticas mudanças em todos os aspectos sociais. Nos educandários, as aulas passaram a acontecer de forma remota. Em nossa escola de atuação, assim como em muitas outras localizadas em regiões rurbanas, grande parte dos alunos mora na zona rural, e, por isso, não teve pleno acesso às plataformas digitais nas quais as aulas eram ministradas. Fato que, naquele momento, trouxe, tanto para os educadores quanto para os educandos, grande dificuldade de adaptação a essa realidade, bem como quando retornamos, paulatinamente, às aulas, impedindo que esta pesquisa se pautasse dentro da proposta inicial.

Outro aspecto a ser referenciado é que havíamos pensado na escolha de dois títulos (*Dom Casmurro* e *O quinze*) para o trabalho com a adaptação da literatura para as HQs. Porém, ao refletirmos acerca da realidade na qual está inserido o nosso público de atuação, nos pareceu mais adequado optarmos pela segunda, visto que a ambientação da obra escolhida se aproxima, em grande medida, da vivência da maioria dos alunos com os quais trabalhamos, isto é,

---

<sup>4</sup> Neste trabalho, não faremos uma intervenção direta com os alunos. E para isso nos respaldamos na Resolução N° 003/2021 do Profletras. Divulgada na data de 31 de março de 2021.

pertencem a famílias que vivem, também, de lidas rurais ou convivem bem de perto com essa realidade. É importante destacarmos também que a região mencionada é caracterizada por longos períodos de estiagem.

A realidade dos alunos, nos reporta aos apontamentos de Paulo freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2021), que chama a atenção para a necessidade de o educando ser o protagonista do seu aprendizado, adquirir criticidade e autonomia no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto é fundamental que o professor respeite e valorize a cultura e conhecimentos empíricos do aluno.

O autor afirma:

Como educador preciso de ir "lendo" cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações políticopedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra" (FREIRE, 2021, p. 78-79).

Em suas palavras, o patrono da educação no Brasil nos adverte sobre a importância de respeitar a dignidade do estudante, considerar o seu ser em formação, a sua identidade e o seu conhecimento de mundo. O que só é possível quando valorizamos as condições em que ele vem existindo e os "conhecimentos de experiência feitos" com que chegam à escola. Esse respeito de que fala Freire, não permite subestimar e, tampouco, menosprezar a bagagem que o aluno traz consigo.

Como já abordado, por nós, neste estudo, no exercício do processo de letramento literário – tomado por nós, neste trabalho, como a escolarização da literatura com vistas a formar leitores literários autônomos – não podemos nos esquecer de que a escola, em grande medida, é o principal espaço, e, às vezes o único, que promove o diálogo aluno leitor/literatura. A partir disso, nas aulas de língua portuguesa, nós, professores mediadores carecemos de facilitar o acesso de nosso aluno às mais variadas obras e gêneros literários, bem como outras expressões que possam promover a fruição estética.

Sobre isso, a BNCC versa que

[...] essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente (BRASIL, 2018, p. 62).

Assim, sem fazermos juízo das produções culturais brasileiras, tampouco hierarquizando-as, as obras clássicas da cultura nacional, que aqui tratamos, representam apenas um elemento dessa cultura, e, ao lado das demais manifestações culturais, devem ser abordadas em nossas aulas de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, Italo Calvino (2007), em livro, *Por que ler os clássicos*, assevera que “A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos.” (CALVINO, 2007, p. 16). Também para o autor, “[...] a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os ‘seus’ clássicos.” (CALVINO, 2007, p. 13).

Essa afirmação de Calvino nos estimula ao trabalho com os clássicos e, ao mesmo tempo, nos inquieta. Pois, considerando a realidade de nossa prática cotidiana, percebemos um distanciamento dos alunos em relação à leitura dos textos clássicos na sua forma integral.

Karla Rodrigues da Silva (2022), em seu trabalho dissertativo, *A leitura literária de clássicos, dinamizada a partir de dois ambientes: a biblioteca e a sala de aula*, aponta que a linguagem rebuscada que retrata contextos históricos distantes da realidade dos alunos coopera para que os clássicos não componham a lista de leituras preferidas dos leitores contemporâneos. O que pode ser fator relevante para a dificuldade de interação dos alunos com essas obras, reduzindo as possibilidades de interesse de leitura.

Nesse sentido, entendemos que a leitura de obras adaptadas, as HQs, são uma forma de ler os clássicos, entretanto, para que isso se efetive, é importante que os alunos sejam “alfabetizados” para a leitura dos quadrinhos, conforme abordaremos no tópico seguinte.

## **2.2. “Alfabetização” em HQs**

As histórias em quadrinhos possuem diversos formatos, gêneros, temáticas e públicos-alvo. Eisner (2010) afirma que elas apresentam uma sobreposição de palavras e imagens, necessitando, dessa forma, que o leitor exerça suas habilidades interpretativas, visuais e verbais. Esse pensamento é reforçado por Vergueiro (2020A), o qual julga necessário que os novos leitores sejam alfabetizados na linguagem e construção singulares desses suportes, compreendendo-os e, assim, fruindo sua estética. Para Vergueiro (2020A), “A ‘alfabetização’ na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens nele presentes [...]” (VERGUEIRO, 2020A, p.31).

Cabe ressaltarmos que Vergueiro utiliza o termo “alfabetização” em quadrinhos, mas embasados em nosso aporte teórico, já apresentado neste texto, consideramos que é mais apropriado que chamemos esse processo de letramento em quadrinhos.

Assim, cumpre-nos trazer alguns aspectos característicos das HQs que são importantes para capacitar nossos alunos para a leitura destas. Os quadrinhos ocidentais, que compreendem desde as tradicionais tirinhas até as construções mais novas como a *graphic novel* (romance gráfico), seguem os modos de escrita da esquerda para a direita (Figura 1); já os quadrinhos orientais (os *mangás*) possuem modos de escrita e leitura próprios, ou seja, da direita para a esquerda (Figura 2), conforme aponta Vergueiro (2020A).

**Figura 1:** Quadrinho ocidental: *Jane*.



Fonte: Mackenna e Perez (2019).

**Figura 2:** Mangá: *O último voo das borboletas*



Fonte: Takahama (2019).

Outro aspecto abordado por Vergueiro (2020A), diz respeito ao sistema narrativo dos quadrinhos, o qual é composto por dois códigos (visual e verbal) que interagem entre si. O autor pontua que cada um desses códigos tem papel especial dentro dos quadrinhos, um reforça o outro e garante o entendimento pleno da mensagem. Segundo Vergueiro (2020A),

Alguns elementos da mensagem são passados exclusivamente pelo texto, outros têm na linguagem pictórica a sua fonte de transmissão. A grande maioria das mensagens dos quadrinhos, no entanto, é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre os dois códigos. Assim, a análise separada de cada um deles obedece a uma necessidade puramente didática, pois, dentro do ambiente das HQs, eles não podem ser pensados separadamente (VERGUEIRO, 2020A, p. 31).

A linguagem visual (icônica) é o elemento base dos quadrinhos e se apresenta em uma sequência de quadros, trazendo uma mensagem ao leitor. Os desenhos utilizados nas histórias dependem de cada criador. Vergueiro (2020A) assinala que a adequação entre o desenho e a

temática abordada na história é um aspecto sugestivo para a utilização das HQs em sala de aula.

Ainda sobre a linguagem visual, as questões de enquadramento, planos, ângulos de visão, formato, gesticulação, entre outros, são elementos que permitem a leitura dos quadrinhos, bem como possibilitam o melhor uso deles no ensino.

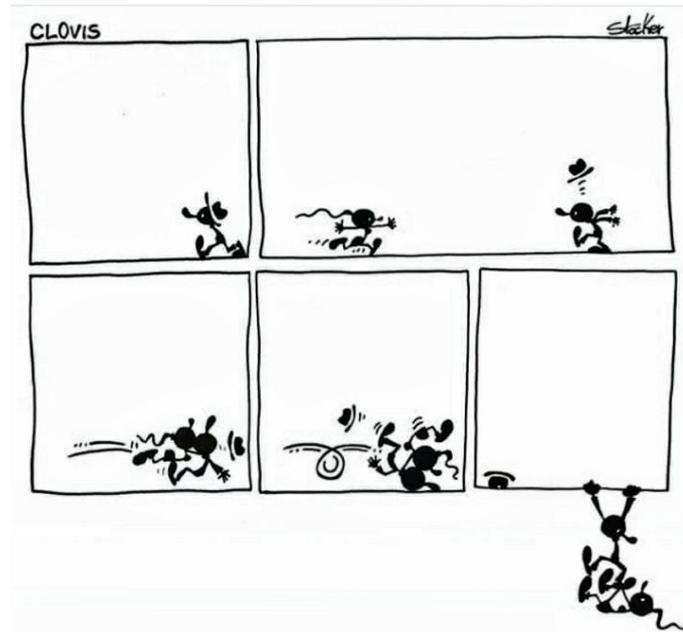
As linhas demarcantes do contorno das imagens, que formam os quadrinhos, possuem função informativa, assim, as linhas contínuas e sólidas indicam que a ação retratada ocorre no momento presente. As pontilhadas representam um acontecimento passado, sonho ou devaneio de algum personagem. Os quadrinhos com contornos ondulados em forma de nuvem também representam esses mesmos objetivos. Vergueiro (2020A) informa que existem abundantes exemplos em que as demarcações dos quadrinhos participam metalinguisticamente da história, ampliando as possibilidades de leitura. As figuras 3 e 4 exemplificam tais especificidades.

**Figura 3:** Quadrinho em formato de nuvem, mostrando a narrativa fantasiosa do personagem.



Fonte: Souza (2018).

**Figura 4:** Exemplo de quadrinho sendo usado na mensagem de forma metalinguística.



Fonte: Stocker (2022).

Sobre a linguagem verbal, ela aparece principalmente para expressar a fala ou pensamento dos personagens, a voz do narrador e os sons envolvidos nas narrativas. Os textos verbais representam formas de comunicação dos personagens, costumam estar grafados com letras em caixa alta e aparecem envoltos por uma linha circular próxima à cabeça do(s) que as expressam. A representação verbal dos sons é feita por meio das onomatopeias, normalmente em caracteres grandes. Os balões de fala formam um código bastante complexo, isso porque é principalmente pelo balão que as histórias em quadrinhos se transformam em um híbrido de imagem e de texto verbal, o balão é a interseção entre imagem e palavra. Podemos ver alguns modelos nas figuras seguintes.

**Figura 5:** As falas do narrador são representadas nos quadrados ou retângulos nos cantos dos quadrinhos ou fora destes. As falas que saem de aparelhos elétricos são representadas em balões tremidos. Às vezes, algumas palavras vêm destacadas de acordo com a mensagem pretendida pelo quadrinista.



Fonte: Spiegelman, 2009.

**Figura 6:** O texto verbal é, geralmente, grafado em caixa alta e às vezes, mesmo representando a fala de uma personagem, pode aparecer fora dos balões. Já os gritos são representados em balões em zigue-zague e podem vir com letras em destaque.



Fonte: Watterson (2010).

**Figura 7:** Quando várias personagens falam ao mesmo tempo, o balão vem com vários rabichos.



Fonte: Quino (2016).

A nossa prática docente nos permite identificar maior experiência dos estudantes na leitura de gêneros quadrinhísticos mais objetivos, aqueles que apresentam um fechamento em poucos quadros e os que deixam um gancho para a próxima publicação. Como as tirinhas (originalmente publicadas em jornais e muito utilizadas em materiais didáticos), os gibis e as revistas com histórias curtas de super-heróis.

Em relação às histórias em quadrinhos mais longas, os romances gráficos (exemplificadas nas figuras 10, 11 e 12), observamos que os alunos têm menos prática de leitura delas. Alguns fatores podem ser elencados como responsáveis por isso, como por exemplo: a maneira como as HQs mais longas são dispostas na biblioteca; o desconhecimento de alguns educadores e alunos a respeito da variedade e qualidade dessas publicações; o fato de que as leituras mais curtas lhes são mais atraentes e, também, o acesso aos quadrinhos curtos, facilitado<sup>4</sup> pelas novas mídias em que são publicados, como ilustram nas figuras 8 e 9.

**Figura 8:** Quadrinho com fechamento da narrativa.  
Perfil *Cães e gatos* do *Instagram*.



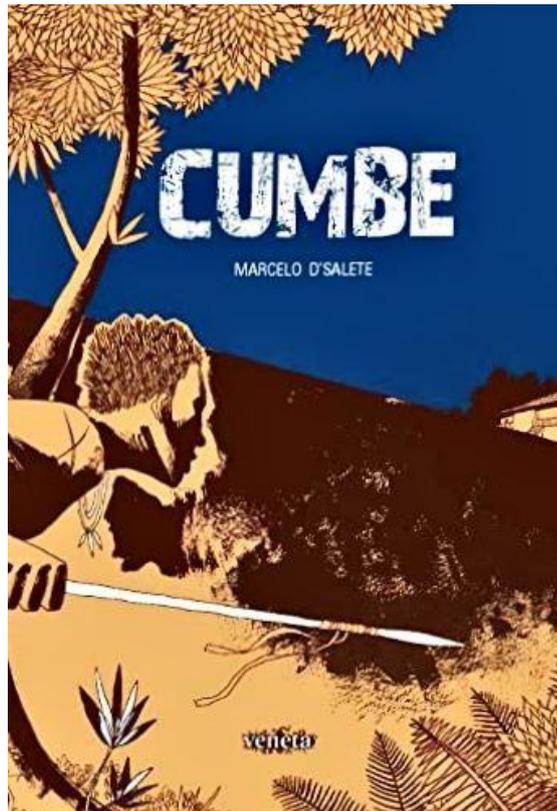
Fonte: Ruas (2022).

Figura 9: Quadrinho com final aberto. Série *Os santos*: uma tira de ódio, 63. Negrinha petulante.



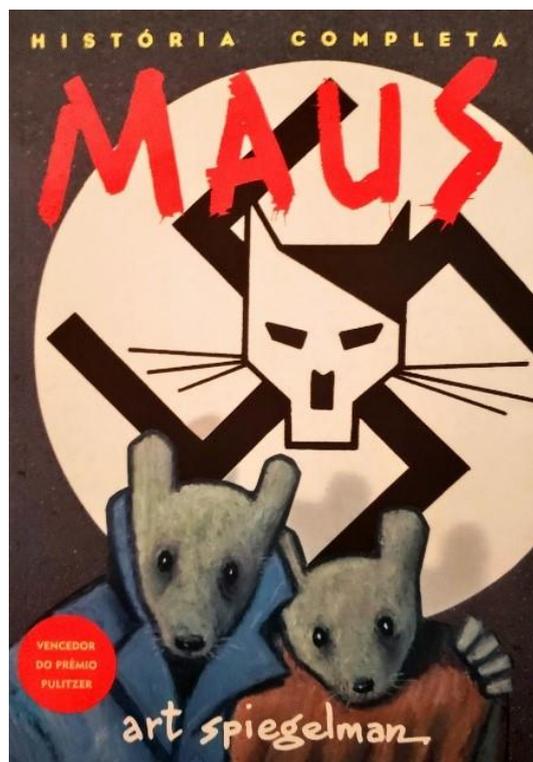
Fonte: Assis e Oliveira (2022).

**Figura 10:** *Graphic novel* (romance gráfico) com história original.



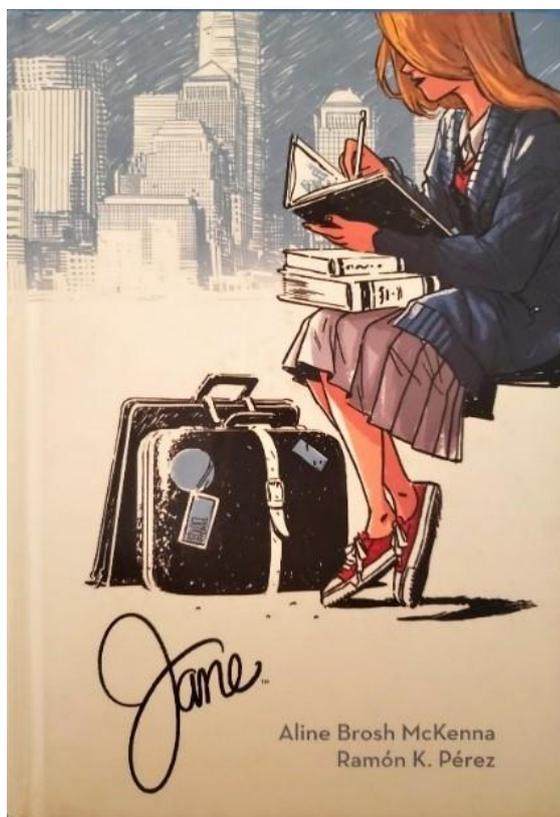
Fonte: D'Saete (2018).

**Figura 11:** *Graphic novel* (romance gráfico) com história original.



Fonte: Spiegelman, 2009.

**Figura 12:** *Graphic novel* (romance gráfico) com uma releitura para a contemporaneidade do clássico inglês *Jane Eyre*.



Fonte: Mackenna e Perez (2019).

Conforme expusemos, e aqui foram apresentados apenas alguns exemplos, as HQs trazem uma ampla quantidade de características que auxiliam na sua leitura, aspectos esses indispensáveis para que os estudantes se familiarizem mais com o gênero e, assim, extraiam o maior número possível de recursos do universo das HQs e passem também pelo processo de letramento dessa arte. Daí a relevância de que o letramento em quadrinhos preceda a leitura das adaptações dos clássicos da literatura brasileira em HQs.

### **2.3. Apresentação da obra proposta – *O quinze em HQ***

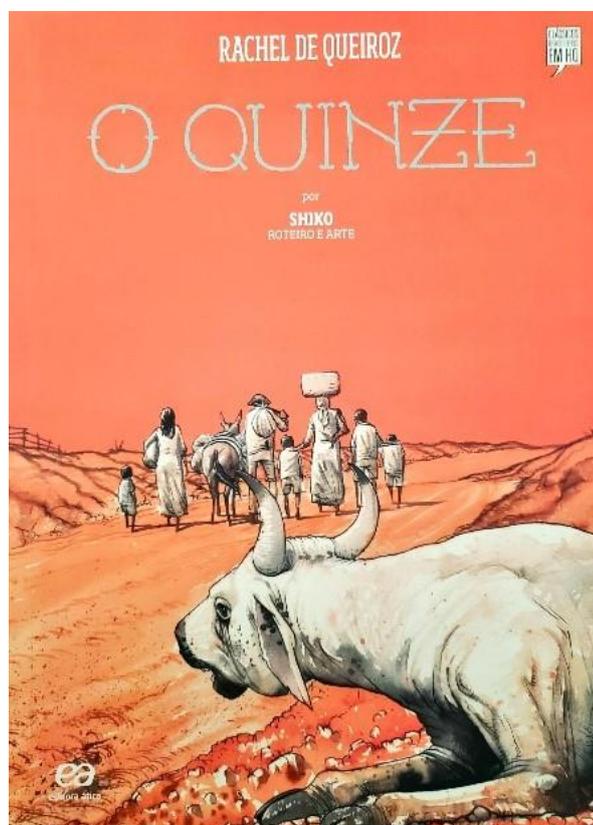
Valéria Aparecida Bari (2017), ao discutir o impacto das adaptações literárias para os quadrinhos na formação do leitor, aponta a atração afetiva da linguagem das histórias em quadrinhos como potencializadora do letramento na infância e na adolescência. Assim, segundo a professora, as HQs adaptadas são recursos motivacionais valiosos para a formação

do leitor e da apropriação da leitura literária. Indo mais além em suas considerações, Bari reforça que,

[...] a presença e consagração das histórias em quadrinhos entre as leituras escolares representa um toque de emoção e rebeldia em espaços sociais cuja formalidade excessiva pode levar a rejeição das práticas leitoras. [...] a adaptação em quadrinhos de obras literárias clássicas é facilitada pela aceitação social em ambientes formais e informais, atendendo a demanda de recursos para dinamizar a leitura escolar, além da boa aceitação entre os pais e familiares deste tipo de publicação em diferentes espaços e situações da vida privada (BARI, 2017, p.161).

Dessa forma, considerando que as HQs adaptadas podem aprimorar o ato de ler, promovendo a mediação da leitura literária e auxiliando na compreensão e apropriação do texto, ante a grande variedade de coleções com adaptações quadrinhísticas propomos o trabalho com o romance gráfico *O quinze* de Rachel de Queiroz, que faz parte da coleção Clássicos brasileiros em HQ da editora Ática, adaptado pelo artista Shiko (2012), conforme ilustra a figura 13 seguinte.

**Figura 13:** *O quinze* de Raquel de Queiroz por Shiko.



Fonte: Shiko (2012).

A coleção da editora Ática chamou nossa atenção pela pluralidade estética, variação de estilos, qualidade editorial da obra e também os paratextos que compõem as obras (apresentação, biografia dos autores, contextualização histórica e *making of* do processo de adaptação). O Quinze, na adaptação de Shiko, não perde em nada os contornos da crítica social de forma realista, tampouco deixam de evidenciar as raízes da identidade cultural regional. Assim, a adaptação lança o jovem leitor cara a cara com o flagelo da seca através do realismo minucioso dos traços do quadrinista, sem perder a sutileza da obra de Raquel de Queiroz.

A obra literária *O quinze* de Rachel de Queiroz, primeiro romance da autora publicado em 1930, se ambienta no período da prolongada e impiedosa seca de 1915 que atingiu o sertão nordestino brasileiro, especificamente, o Ceará, estado de origem da escritora. A narrativa de Queiroz impressiona pela sobriedade com que ela tece a trama de vidas ligadas por uma longa estiagem e, também, pelo modo como apresenta um abrangente painel das mazelas deixadas na população naquele ano de seca.

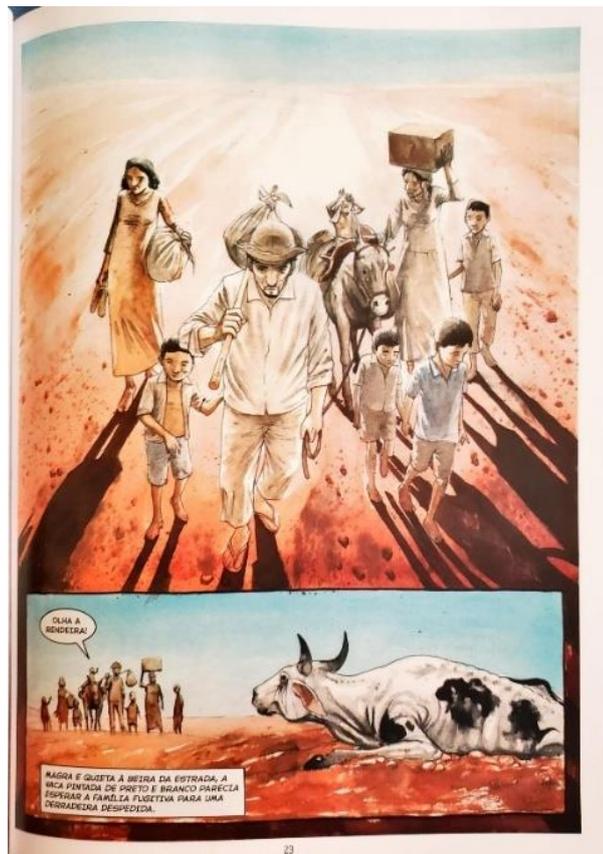
A HQ que traz a adaptação de *O quinze* foi produzida por Shiko, também nordestino do estado da Paraíba, o artista possui uma extensa produção com ilustrações, grafites, filmes, animações e quadrinhos. Ele toma algumas decisões importantes na construção dessa HQ, nela encontramos a preservação do texto literário, tanto nos recortes do narrador quanto nos balões de diálogo, e o artista imprime sua autoria através de sua arte visual. O próprio Shiko (2012) destaca que buscou imprimir na construção do quadrinho a linguagem objetiva usada por Queiroz.

Por meio do *making of* da adaptação para os quadrinhos, encontrado ao final do livro, o processo de produção do artista visual é explicitado. Shiko primeiro fez uma leitura atenta da obra original, buscou compreender quais descrições e partes do texto, claro e belo, de Queiroz poderiam ser traduzidas para as ilustrações. Posteriormente, um esboço geral da HQ foi construído todo a lápis, pintado com aquarela e finalizado com pincel e bico de pena.

Para construir a realidade em sua obra, Shiko se inspirou em trabalhos de grandes fotógrafos que representaram os trabalhadores e famintos pelo mundo, como Pierre Verger, Evandro Teixeira e Sebastião Salgado. Ele também pesquisou aspectos sociais do início do século XX: vestimenta; costumes; religiosidade; características distintivas entre ricos e pobres, vida urbana e rural, homens e mulheres; a geografia da região; meios de transporte; forma de lidar com a rês. Ainda no *making of*, é ressaltado que a busca pelo realismo não limita a inventividade do artista e que, enquanto Rachel de Queiroz se expressou por meio de palavras, Shiko o fez através da construção da arte visual usada para que ele expressasse sua visão de mundo e leitura da obra original.

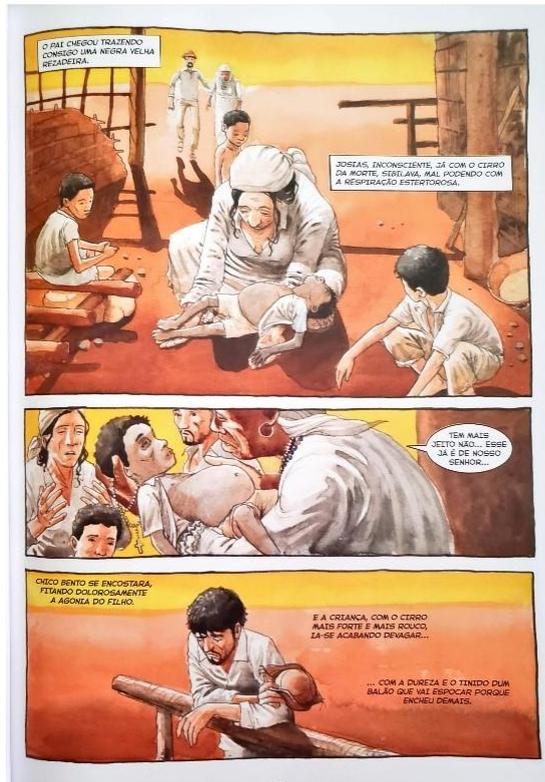
Consideramos que ler essa HQ é um modo bastante genuíno de ler o clássico literário brasileiro. Ela propicia a experiência estética com a aridez da narrativa, com o impacto desolador da seca e do sol na existência dos homens e animais, a desesperança, a miséria crescente. Observamos, nas figuras 14, 15 e 16, o aumento gradativo da aridez representado pelo artista com a diminuição de cores frias e aumento de cores quentes na retratação do ambiente. Sem contar as expressões faciais dos personagens que são aplacados pela fome.

**Figura 14:** O céu ainda azul atrás da família retirante de Chico Bento.



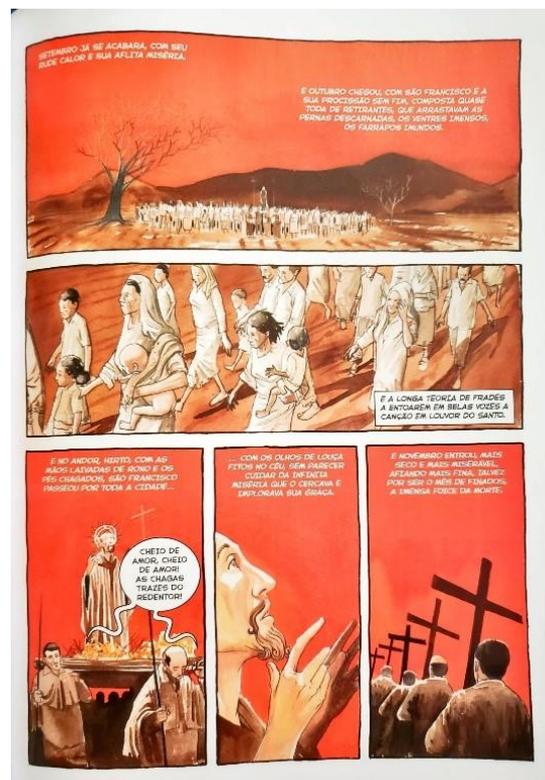
Fonte: Shiko (2012).

**Figura 15:** O céu vai ficando amarelado e o laranja vai ficando mais forte.



Fonte: Shiko (2012).

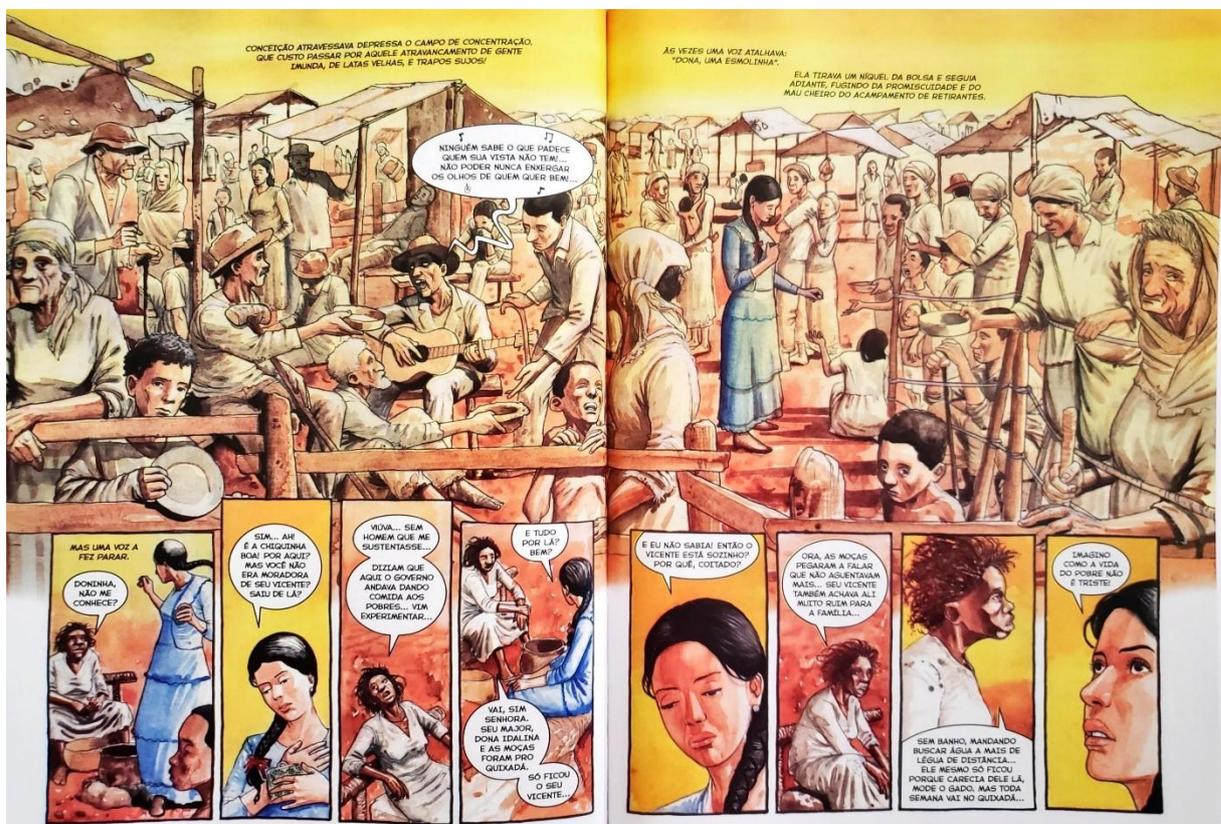
**Figura 16:** O laranja e o marrom tomam conta da cena.



Fonte: Shiko (2012).

*O quinze* adaptado para HQ traz as denúncias sociais feitas na obra original com um olhar atualizado: o abandono do povo pelo Estado, os primeiros campos de concentração criados no Brasil, a desigualdade social, o racismo de uma sociedade ainda escravocrata poucos anos depois da abolição. A figura 17 mostra uma ilustração de duas páginas do campo de concentração dos miseráveis.

**Figura 17:** Imagem impactante do campo de concentração, na qual conseguimos ver, inclusive, o contraste entre os famintos e Conceição que pertencia a uma classe social mais privilegiada.



Fonte: Shiko (2012).

Em resumo, podemos verificar que a obra de Shiko consegue traduzir para os quadrinhos toda a essência do livro de Rachel de Queiroz, sem desmerecer em nada a originalidade e pertinência do tema que a autora desenvolve e, ainda assim, se apresenta como uma obra autônoma e singular com todos os aspectos característicos das HQs, conseguindo oferecer ao leitor a transcodificação de um grande clássico da nossa literatura para um novo formato independente.

Diante das considerações expostas, a utilização das adaptações dos clássicos para os quadrinhos se apresenta como uma possibilidade mediadora do diálogo leitor/texto. Cabe esclarecer que não pretendemos abolir os clássicos em seu formato integral, muito menos mutilar ou diminuí-los. Ao contrário, a nossa sugestão é de que essas adaptações sejam, uma, dentre as tantas leituras possíveis dos textos literários.

Pois, a nosso ver, quando o texto literário é transportado para um novo suporte, no qual ocorre cruzamento do visual e do verbal, nasce uma outra linguagem artística que dialoga de forma particular com a obra de origem.

De tal modo, a nossa proposta é desenvolver um trabalho com os clássicos da literatura brasileira de forma contemporânea, sedutora e que propicie o engajamento dos alunos na leitura desses textos, dada a essência atrativa dos quadrinhos, proporcionando, aos alunos dos anos finais do ensino fundamental da rede pública de ensino, uma boa experiência de letramento literário com círculos de leitura.

Conheça, no apêndice deste texto, o caderno pedagógico, construído por nós, com uma proposta interventiva através de *O quinze* (Shiko) como possibilidade de leitura do texto clássico em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. **68. Neginha petulante**. 26 de jul de 2022. Instagram: @leandro\_assis\_ilustra. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cgeg3x0ji2y/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 30 de jul de 2022.

AVELAR, Idelber. **Cânone literário e valor estético: notas sobre um debate de nosso tempo**. Revista brasileira de literatura comparada. Rio de Janeiro: Abralic, v. 11, n. 15 (2009).

BARBOSA, João Alexandre. **A biblioteca imaginária**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

BARI, V. A.; FERREIRA, S. dos S. **Apropriação da leitura literária por meio das histórias em quadrinhos: prática da educomunicação**. Educação, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 29–40, 2017. DOI: 10.17564/2316-3828.2017v5n2p29-40. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/4126>. Acesso em: 25 de jul. 2022.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTINI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base comum curricular: educação é a base**. Brasília: 2018.

CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos linguagem e semiótica: um estudo abrangente da arte sequencial**. São Paulo: Criativo, 2014.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. In: **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMPOS, Haroldo de. **Transcrição**. Organização Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem**. São Paulo: Quíron, 1986.

COELHO, Raquel. **A arte dos quadrinhos**. São Paulo: Formato Editorial: 2007.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Tradução: Lara Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2023.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2020B.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020A.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

CULLER, Jonathan. O que é literatura e tem ela importância? In: **Teoria literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

D'SALETE, Marcelo. **Cumbe**. São Paulo: Veneta, 2018.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. Tradução: Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FAILLA, Zoara (org). **Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FERNANDES, Luciane de Oliveira Bertulino. **Literatura em quadrinhos: diálogos e ressignificações na formação do leitor da educação básica.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros: 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa.** Curitiba: PSD Educação, 2020.

FIGUEIREDO, M. M. F. **A banda desenhada como recurso didático nas aulas de Língua Materna e de Língua Estrangeira.** 2010. 64 f. Dissertação de mestrado - Faculdade de Letras Universidade do Porto, Porto, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GERALDI, João Wanderley (org.). Sobre a leitura na escola. In: **O texto em sala de aula.** São Paulo: Ática, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação.** Tradução: André Cachinel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

JOUVE, Vicent. **A leitura.** Tradução: Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MACKENNA, Aline Bosh; PEREZ, Ramón K.. **Jane.** Tradução: Marília Toledo. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2019.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução.** DELTA, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 329-383, 1994.

PAIVA, Fábio da Silva. **Histórias em quadrinhos na educação: memórias resultados e dados.** Tese (doutorado em educação). Universidade Federal de Pernambuco, CE. 2016.

PAULINO, G; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R; ROSING, T. (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009.

PESSOA, Alberto Ricardo. **A linguagem das histórias em quadrinhos:** definições, elementos e gêneros. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

PIROTA, Patrícia. Palimpsestos machadianos: adaptações para os quadrinhos da obra O alienista. In: **Quadrinhos e literatura:** diálogos possíveis. RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego. São Paulo: Criativo, 2014.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. A literatura em quadrinhos e a formação do leitor hoje. In: **Quadrinhos e literatura:** diálogos possíveis. RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego. São Paulo: Criativo, 2014.

QUEIROZ, Raquel de. **O quinze.** Roteiro e arte: Shiko. São Paulo: Ática, 2012. (Coleção *Os clássicos brasileiros em HQ*).

QUINO. **Mafalda:** todas as tiras. Tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, WALDOMIRO. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro, RAMOS, Paulo. (Orgs.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática.** São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (Org.). **Quadrinhos e literatura:** diálogos possíveis. São Paulo: Criativo, 2014.

RITTES, André. **As histórias em quadrinhos na escola:** A percepção de professores de ensino fundamental sobre o uso pedagógico dos quadrinhos. Dissertação de mestrado em educação. Universidade Católica de Santos, Santos: 2006.

RUAS, Carlos. **Cão, aprende comigo.** 20 de jul de 2022. Instagram: @caesegatos\_oficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgPjPw7pc8v/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> . Acesso em: 30 de jul de 2022.

SANTOS, Wandeley Alves dos. **Literatura e história em quadrinhos (HQ) na educação básica.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás, Goiânia: 2015.

SILVA, Karla Rodrigues da. **A leitura literária de clássicos, dinamizada a partir de dois ambientes: a biblioteca e a sala de aula.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás, 2022.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOUZA, Maurício de. **Coleção um tema só: Chico Bento: escola**. Barueri, SP: Panini Books, 2018.

SPIEGELMAN, Art. **Maus: a história de um sobrevivente**. Tradução: Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras: 2009.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. **Ilha do desterro**, Florianópolis, n. 51, p. 19-53, jul./dez. 2006.

STOCKER, Paulo. **Clóvis**. 25 de jul de 2022. Instagram: @clovis\_stocker. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgcD647Odje/?igshid=MDJmNzVkMjY=> . Acesso em 26 de jul de 2022.

TAKAHAMA, Kan. **O último voo das borboletas**. Tradução: Drik Sada. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2019.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos uma "alfabetização" necessária. In: **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro et al. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2020A.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQS no ensino. In: **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro et al. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2020B.

WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo: e foi assim que tudo começou**. Tradução: Luciano Machado; Adriana Schwartz. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

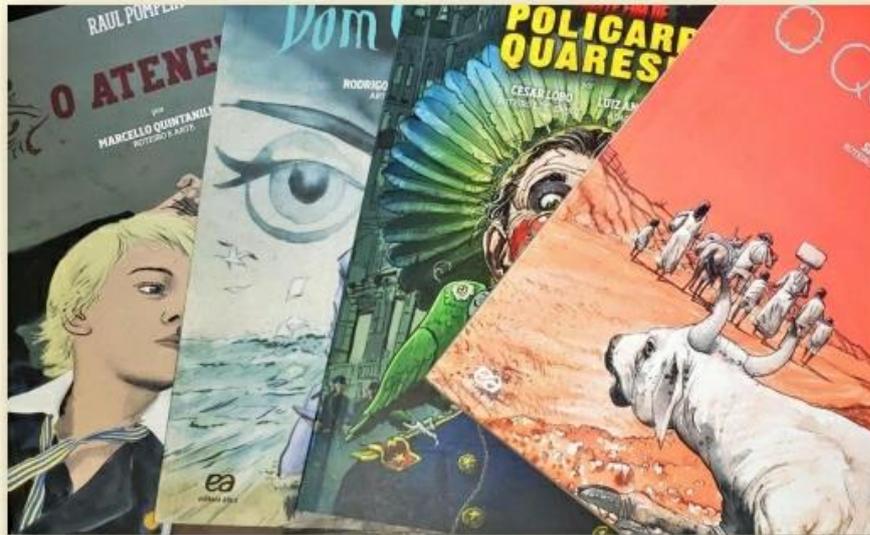
ZENI, Lielson. Literatura em quadrinhos. In: VERGUEIRO, Waldomiro, RAMOS, Paulo. (Orgs.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

ZENI, Lielson. Adaptação em quadrinhos uma tradução. In: **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego. São Paulo: Criativo, 2014.

## APÊNDICE – CADERNO PEDAGÓGICO

# CADERNO PEDAGÓGICO

## HQ na literatura: os clássicos brasileiros



**Professora Cláudia Regina Oliveira Carvalho**  
**Professor Dr. Luiz Henrique Carvalho Penido**



## **Ficha técnica**

Organizadores

Cláudia Regina Oliveira Carvalho

Luiz Henrique Carvalho Penido

Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

Mestrado Profissional em Letras – Profletras

2024

Carvalho, Cláudia Regina Oliveira;  
Penido, Luiz Henrique Carvalho.

HQ na literatura: os clássicos  
brasileiros/ Cláudia Regina Oliveira  
Carvalho; Luiz Henrique Carvalho  
Penido – 2024.

Caderno pedagógico (mestrado  
profissional) – Universidade Estadual  
de Montes Claros, Programa de Pós-  
Graduação Mestrado Profissional em  
Letras, 2024.

# Apresentação

Caro Professor,

Este caderno pedagógico foi elaborado com a finalidade de utilizar a HQ *O quinze* de Shiko como uma possibilidade de leitura e reflexão de um clássico da literatura brasileira nas aulas de língua portuguesa dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

A sequência de atividades sugerida por nós é embasada nas referências bibliográficas utilizadas na pesquisa *Literatura e HQs: uma possibilidade de leitura dos clássicos brasileiros nos anos finais do ensino fundamental*<sup>1</sup> e nos círculos de leitura propostos por Rildo Cosson (2021; 2023).

Desejamos que este material seja um bom apoio no trabalho de escolarização dos clássicos da literatura brasileira e que você consiga adequá-lo à realidade escolar em que leciona.

Seja bem-vindo!

---

<sup>1</sup> É imprescindível, para um melhor uso do material, conhecer o trabalho de pesquisa.

# Processo de criação do caderno pedagógico

A princípio, apresentaremos os caminhos que tomamos para a criação do caderno pedagógico elaborado como produto da nossa pesquisa – critério para conquista do título de mestra pelo Programa de pós-graduação em letras – Profletras. Para tanto, é preciso elucidar que partimos da nossa própria prática docente e nos embasamos teoricamente nas teorias previamente citadas ao longo do relatório de pesquisa, bem como nos conceitos e práticas de círculos de leitura propostos por Rildo Cosson nos livros *Círculos de leitura e letramento literário* (2023) e *Como criar círculos de leitura na sala de aula* (2021).

## O que é o material?

O material desenvolvido por nós é um caderno pedagógico com uma atividade em sequência destinado, principalmente, aos professores de língua portuguesa inseridos no âmbito do sistema público de ensino básico e para alunos das graduações e pós-graduações em letras.

O diferencial do Profletras é sair dos muros da universidade e trazer para as discussões acadêmicas a contribuição dos professores que atuam no ensino de base. Portanto nossa ideia é trazer um material aplicável ao cotidiano escolar, que leve em consideração os limites impostos pelo espaço físico das escolas, suas rotinas ou pelas questões sociais determinadas pelo curto investimento público, ainda

mais em conhecimentos julgados sem preço ou valor para o sistema em que vivemos.

Este caderno traz uma proposta para a leitura da HQ *O quinze* do artista Shiko, como uma possibilidade de leitura da obra clássica de Raquel de Queiroz no intuito de auxiliar na formação de leitores em sala de aula nos anos finais do ensino fundamental, valorizando a autonomia, o protagonismo do estudante e a leitura fruição (por prazer) que, inclusive, é tratada como fundamental pela BNCC (2018).

O documento orientador ao nortear o trabalho no campo artístico-literário nessa fase escolar nas aulas de língua portuguesa, assegura o contato do educando com diversas manifestações artísticas, em especial com a literatura, prestigiando a fruição das obras. Para a BNCC

Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (BRASIL, 2018, p. 144-143).

O quadrinho trazido por nós deve funcionar como sugestão de trabalho, mas nossa pretensão é de que as atividades propostas no caderno possam ser utilizadas com outros textos quadrinhísticos com versões de clássicos brasileiros. Essas atividades levam em consideração as postulações a respeito de círculos de leitura teorizados por Rildo Cosson (2021; 2023).

# Proposta interventiva

## Preparação, desenvolvimento e avaliação

O caderno pedagógico foi organizado por nós com base no que vivenciamos no meio escolar e, portanto, é necessário explicitar, novamente, a importância de que cada professor adeque as atividades à sua realidade.

Neste material, o educador encontra direcionamentos para organização do trabalho com clássicos da literatura adaptados para HQs em forma de círculos de leitura.

De maneira simples, dividimos as atividades em três partes:

- preparação;
- desenvolvimento;
- avaliação.

## Preparação – aproximadamente 2h/a

Antes de adentrar nas atividades com a obra escolhida, é necessário que os educandos sejam preparados para a leitura da HQ, através do que Vergueiro (2020A) chama de alfabetização na linguagem dos quadrinhos a fim de munir de conhecimentos o aluno para uma leitura potente e profunda de vários aspectos composicionais desses textos, visando que a compreensão e interpretação sejam efetivadas. É imprescindível elucidar que, em nossa pesquisa, embasados em nosso aporte teórico sobre letramentos, consideramos que o termo "letramento" é mais adequado para nomear esse processo de preparação do aluno para ler HQs.

A fruição do quadrinho só pode acontecer após o leitor compreender aspectos que constroem a arte sequencial e tenham a oportunidade de extrair o maior número possível de recursos do universo das HQs

As histórias em quadrinhos possuem diversos formatos, gêneros, temáticas e públicos-alvo. Eisner (2010) afirma que elas apresentam uma sobreposição de palavras e imagens, necessitando, dessa forma, que o leitor exerça suas habilidades interpretativas, visuais e verbais. Esse pensamento é reforçado por Vergueiro (2020A), o qual julga necessário que os novos leitores sejam alfabetizados na linguagem e construção singulares desses suportes, compreendendo-os e, assim, fruindo sua estética. Para Vergueiro (2020A), "A 'alfabetização' na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens nele presentes [...]" (VERGUEIRO, 2020A, p.31).

Provavelmente o público alvo dessa intervenção (alunos dos oitavos e nonos anos) já tiveram muito contato com quadrinhos através de gibis, tirinhas em livros didáticos e avaliações, além de publicações em redes sociais. Todavia, para que o trabalho desenvolvido seja mais frutífero é importante que sejam elucidados

*É importante que exemplos dos mais variados tipos de quadrinhos e seus aspectos singulares, que tratamos aqui, sejam apresentados aos estudantes, a fim de enriquecer este momento de aprendizagem.*

elementos composicionais das HQs que são importantes para capacitar nossos alunos para a leitura destas. Os quadrinhos ocidentais, que compreendem desde as tradicionais tirinhas até as construções mais novas como a graphic novel (romance gráfico), seguem os modos de escrita da esquerda para a direita, já os quadrinhos orientais (os mangás) possuem modos de escrita e leitura próprios, ou seja, da direita para a esquerda, conforme aponta Vergueiro (2020A).

Cabe ao professor assegurar também que seu aluno compreenda que as HQs são compostas por dois códigos: o texto verbal e o visual; que não podem ser lidos ou analisados isoladamente, já que juntos constroem o texto quadrinhístico, mas devem ser observados em seus detalhes para uma melhor compreensão da obra.

A linguagem visual (icônica) é o elemento base dos quadrinhos e se apresenta em uma sequência de quadros, trazendo uma mensagem ao leitor, nessa linguagem as questões de enquadramento, planos, ângulos de visão, formato, gesticulação, entre outros, são elementos que permitem a leitura dos quadrinhos, bem como possibilitam o melhor uso deles no ensino.

As linhas demarcantes do contorno das imagens, que formam os quadrinhos, possuem função informativa, assim, as linhas contínuas e sólidas indicam que a ação retratada ocorre no momento presente. As pontilhadas representam um acontecimento passado, sonho ou devaneio de algum personagem. Os quadrinhos com contornos ondulados em forma de nuvem também representam esses mesmos objetivos. Vergueiro (2020A) informa que existem abundantes exemplos em que as demarcações dos quadrinhos participam metalinguisticamente da história, ampliando as possibilidades de leitura.

Sobre a linguagem verbal, ela aparece principalmente para expressar a fala ou pensamento dos personagens, a voz do narrador e

*O educador pode encontrar exemplos dos elementos constitutivos das histórias em quadrinhos na própria biblioteca da escola: nos livros didáticos de diversas matérias, em gibis, em obras enviadas pelo PNLD literário ou mesmo pela internet. E tem a possibilidade de apresentar esses exemplos aos alunos por meio de recursos digitais oferecidos pela instituição de ensino em que leciona, utilizando-se de data-show, computadores, etc.*

os sons envolvidos nas narrativas. Os textos verbais representam formas de comunicação dos personagens, costumam estar grafados com letras em caixa alta e aparecem envoltos por uma linha circular próxima à cabeça do(s) que as expressam. A representação verbal dos sons é feita por meio das onomatopeias, normalmente em caracteres grandes. Os balões de fala formam um código bastante complexo, isso porque é principalmente pelo balão que as histórias em quadrinhos se transformam em um híbrido de imagem e de texto verbal, o balão é

a interseção entre imagem e palavra.

Esta fase de preparação para a proposta interventiva também deve ser utilizada para a organização do processo, como a aquisição dos romances gráficos, bem como a análise da melhor forma para promover o tempo de leitura da obra com os alunos: os materiais e recursos necessários para a prática, o tempo necessário para a execução, além da adequação à realidade escolar do professor.

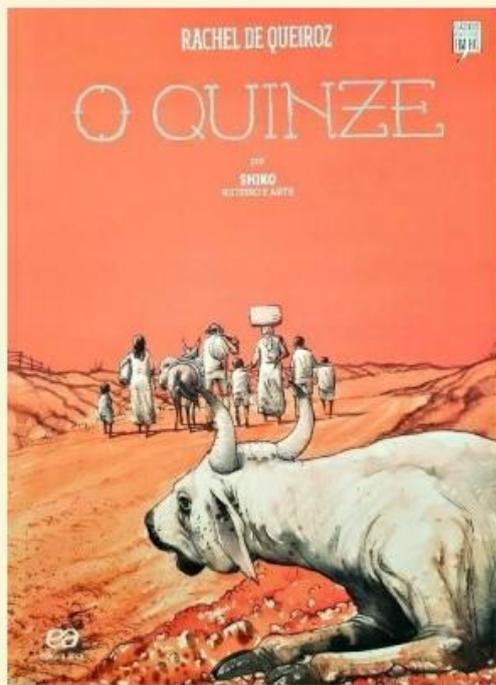
O nosso trabalho é pensado para o público de oitavos e nonos anos do ensino fundamental, todavia cada educador pode utilizar o material e executá-lo nas séries em que preferir, avaliando a maturidade e aplicabilidade com seus alunos e fazendo as modificações necessárias.

## Desenvolvimento – aproximadamente 9h/a

### Primeiro momento – 1h/a (aproximadamente)

Neste primeiro momento, a atividade que será desenvolvida deve ser apresentada aos estudantes, que precisam ser informados sobre todo o processo da atividade, suas etapas, as expectativas do professor, a apresentação da obra *O quinze* de Shiko, além de ouvir também o que os alunos esperam desse trabalho.

Um tempo deve ser destinado para que os alunos já entrem em contato com o romance gráfico de Shiko, podendo folheá-lo, fazerem uma primeira e rápida observação da obra para conhecerem o livro/revista, olharem as cores, sentirem as texturas, observarem seus elementos gráficos tendo, assim, uma primeira impressão do que vai acontecer.



A coleção da editora Ática chamou nossa atenção pela pluralidade estética, variação de estilos, qualidade editorial da obra e também os paratextos que compõem as obras (apresentação, biografia dos autores, contextualização histórica e making of do processo de adaptação). O Quinze, na adaptação de Shiko, não perde em nada os contornos da crítica social de forma realista, tampouco deixam de evidenciar as raízes da identidade cultural regional. Assim, a adaptação lança o jovem leitor cara a cara com o flagelo da seca através do realismo minucioso dos traços do quadrinista, sem perder a sutileza da obra de Raquel de Queiroz.

A obra literária *O quinze* de Rachel de Queiroz, primeiro romance da autora publicado em 1930, se ambienta no período da prolongada e impiedosa seca de 1915 que atingiu o sertão nordestino brasileiro, especificamente, o Ceará, estado de origem da escritora. A narrativa de Queiroz impressiona pela sobriedade com que ela tece a trama de vidas ligadas por uma longa estiagem e, também, pelo modo como apresenta um abrangente painel das mazelas deixadas na população naquele ano de seca.

A HQ que traz a adaptação de *O quinze* foi produzida por Shiko, também nordestino do estado da Paraíba, o artista possui uma extensa produção com ilustrações, grafites, filmes, animações e quadrinhos. Ele toma algumas decisões importantes na construção dessa HQ, nela encontramos a preservação do texto literário, tanto nos recortes do narrador quanto nos balões de diálogo, e o artista imprime sua autoria através de sua arte visual. O próprio Shiko (2012) destaca que buscou imprimir na construção do quadrinho a linguagem objetiva usada por Queiroz.

Por meio do making of da adaptação para os quadrinhos, encontrado ao final do livro, o processo de produção do artista visual é explicitado. Shiko primeiro fez uma leitura atenta da obra original, buscou compreender quais descrições e partes do texto, claro e belo, de Queiroz poderiam ser traduzidas para as ilustrações. Posteriormente,

um esboço geral da HQ foi construído todo a lápis, pintado com aquarela e finalizado com pincel e bico de pena.

Para construir a realidade em sua obra, Shiko se inspirou em trabalhos de grandes fotógrafos que representaram os trabalhadores e famintos pelo mundo, como Pierre Verger, Evandro Teixeira e Sebastião Salgado. Ele também pesquisou aspectos sociais do início do século XX: vestimenta; costumes; religiosidade; características distintivas entre ricos e pobres, vida urbana e rural, homens e mulheres; a geografia da região; meios de transporte; forma de lidar com a rês. Ainda no making of , é ressaltado que a busca pelo realismo não limita a inventividade do artista e que, enquanto Rachel de Queiroz se expressou por meio de palavras, Shiko o fez através da construção da arte visual usada para que ele expressasse sua visão de mundo e leitura da obra original.

Essa HQ propicia a experiência estética com a aridez da narrativa, com o impacto desolador da seca e do sol na existência dos homens e animais, a desesperança, a miséria crescente. Observamos o aumento gradativo da aridez representado pelo artista com a diminuição de cores frias e aumento de cores quentes na retratação do ambiente. Sem contar as expressões faciais dos personagens que são aplacados pela fome.

O quinze adaptado para HQ traz as denúncias sociais feitas na obra original com um olhar atualizado: o abandono do povo pelo Estado, os primeiros campos de concentração criados no Brasil, a desigualdade social, o racismo de uma sociedade ainda escravocrata poucos anos depois da abolição.

Em resumo, podemos verificar que a obra de Shiko consegue traduzir para os quadrinhos toda a essência do livro de Rachel de Queiroz, sem desmerecer em nada a originalidade e pertinência do tema que a autora desenvolve e, ainda assim, se apresenta como uma obra autônoma e singular com todos os aspectos característicos das

HQs, conseguindo oferecer ao leitor a transcodificação de um grande clássico da nossa literatura para um novo formato independente.

### Segundo momento – 6h/a (aproximadamente)

Nesta etapa, seja na sala de aula ou na biblioteca da escola, os estudantes devem ser divididos em pequenos círculos de leitura – preferencialmente trios – aos quais um exemplar de *O quinze* de shiko deve ser entregue para início da leitura fruição coletiva. Se faz necessário salientar que os alunos que lidem com alguma dificuldade de aprendizagem devem ser incluídos e por isso é interessante que estejam inseridos em círculos em que possam encontrar estímulo e auxílio em suas participações na leitura.

*Caso o professor encontre dificuldades para adquirir um número suficiente de exemplares da obra para distribuir os alunos em pequenos círculos de leitura, existe a possibilidade (pensando em direitos autorais) que o artista criador da HQ ou a editora sejam procurados a fim de conseguir autorização para que uma versão digital do quadrinho seja projetado e haja uma leitura coletiva em um grande círculo de leitura.*

Neste momento, cabe ao professor instruir a turma de que não apenas o texto verbal deve ser considerado, mas também o texto/arte visual e os elementos gráficos devem ser lidos e analisados com atenção, além, claro, os paratextos da obra.



É nesta fase do desenvolvimento que, concomitantemente à leitura do quadrinho, os alunos devem trocar com seus colegas de

círculo suas percepções da obra, as interpretações individuais devem ser discutidas para comporem uma compreensão e interpretação compartilhadas e com diferentes olhares sobre a HQ que está sendo lida e as conclusões dessa discussão e troca de ideias devem ser anotadas para o próximo momento da atividade.

### Terceiro momento – 2h/a (aproximadamente)

*Para que aqui o professor faça a mediação nesse círculo de compartilhamento, é necessário que ele mesmo faça sua leitura da obra de Shiko.*

*O artista imprime em sua arte visual muitos componentes da obra original de Queiroz, como: a progressão da seca cada vez mais desoladora, as desigualdades sociais entre classes que se tornam mais delineadas no cenário de estiagem, etc. E faz isso com uso de cores que pintam o céu, que distinguem os personagens em situações econômicas distintas, além de caprichar em suas expressões faciais.*

Aqui, nesta terceira e última parte do desenvolvimento da atividade proposta, toda a turma será reunida em um grande círculo de leitura. Nele, com a mediação do professor, as leituras, compreensões, análises e interpretações feitas coletivamente em cada pequeno círculo de leitura serão compartilhadas com todos os colegas.

O educador/mediador deve incentivar a participação de todos, fazer perguntas, incluir sua leitura também na discussão formando, assim, a leitura coletiva e compartilhada daquela turma, daquela comunidade de leitores ali formada.

As inferências e percepções dos estudantes devem ser sempre ouvidas, validadas e, quando necessário, questionadas e direcionadas, com o intuito de que essa sequência de trabalho com letramento literário seja efetivo.

## Avaliação

### Observação e autoavaliação

Seguindo os ensinamentos de Cosson (2021), instruímos que a avaliação dos alunos seja feita observando a participação de cada um durante o desenvolvimento de toda a atividade e através, também, de uma autoavaliação sobre o trabalho. Uma autoavaliação que promova autonomia e protagonismo e que seja aberta a sugestões para os próximos momentos de letramento literário, tornando a escolarização da literatura democrática.

Na página seguinte, trazemos uma sugestão de autoavaliação, elaborada por nós, para esta atividade com a HQ *O quinze* do artista Shiko.

Caro aluno, neste momento você avaliará a atividade que realizamos e também a sua participação durante seu desenvolvimento.

Responda com sinceridade.

1. Você gostou da leitura da HQ *O quinze* de Shiko? Fale um pouco sobre sua experiência individual com a obra.

---

---

---

---

2. Como foi ler e debater o livro/revista em conjunto com seus colegas?

---

---

---

3. De que forma e com quais aspectos da história você se identificou?

---

---

---

4. O desenvolvimento da atividade foi prazeroso para você? O que acha que poderia ter sido diferente?

---

---

---

---

5. Avalie sua participação.

a) Você leu com atenção a HQ sugerida (o texto verbal e os elementos visuais)? \_\_\_\_\_

b) Você participou da leitura coletiva em seu círculo de leitura e contribuiu também na discussão do círculo de discussão com a turma toda? \_\_\_\_\_

c) Sua participação foi ótima, boa ou regular? \_\_\_\_\_

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação. **Base comum curricular: educação é a base**. Brasília: 2018.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2023.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2020B.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020A.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**.

Tradução: Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010  
PINA, Patrícia Kátia da Costa. A literatura em quadrinhos e a formação do leitor hoje. In: **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego. São Paulo: Criativo, 2014.

QUEIROZ, Raquel de. **O quinze**. Roteiro e arte: Shiko. São Paulo: Ática, 2012. (Coleção *Os clássicos brasileiros em HQ*).

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (Org.). **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. São Paulo: Criativo, 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos uma "alfabetização" necessária. In: **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro et al. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2020A.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQS no ensino. In: **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro et al. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2020B.

As imagens que ilustram o caderno fazem parte do arquivo pessoal da professora pesquisadora.